



Lidiane Martins de Oliveira

(DES) CAMINHOS DE UM DEVIR-PROFESSORA

Uberlândia, 2018.

Lidiane Martins de Oliveira

(DES)CAMINHOS DE UM DEVIR-PROFESSORA

UBERLÂNDIA, 2018

Lidiane Martins de Oliveira

(DES)CAMINHOS DE UM DEVIR-PROFESSORA

Dissertação apresentada à banca de defesa para a obtenção do título de mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

ORIENTADORA:

LUCIA DE FÁTIMA ESTEVINHO GUIDO

UBERLÂNDIA, 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48d
2018 Oliveira, Lidiene Martins de, 1992-
(Des)caminhos de um devir-professora / Lidiene Martins de
Oliveira. - 2018.
110 f. : il.

Orientadora: Lúcia de Fátima Estevinho Guido.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.566>
Inclui bibliografia.


1. Educação - Teses. 2. Professores - Formação - Teses. 3. Educação
- Filosofia - Teses. 4. Cartografia - Teses. I. Guido, Lúcia de Fátima
Estevinho. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

(DES)CAMINHOS DE UM DEVIR-PROFESSORA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Banca Examinadora: Uberlândia,
Março de 2018.



Prof. Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof. Dra. Daniela Franco Carvalho
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Participação por Skype

Prof. Dra. Giovana Scareli
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ

Agradecimentos

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas - mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores [...] (Deleuze, 1992, p.156).

Aos meus intercessores que dão beleza a toda essa existência, os meus sinceros agradecimentos. Sou muito feliz e eternamente grata a Deus, Criador, que me encheu de uma fé tão forte! Fé em Deus, fé na vida, fé nas pessoas, fé nos meus sonhos, fé na minha profissão, fé em mim!

Aos meus pais, que são luz na minha vida! Companheiros de todas as horas, apoiadores de todos os meus sonhos! Meus primeiros professores em casa. Foram eles que me ensinaram que os estudos e o trabalho devem ser sempre valorizados.

À família toda que tem sempre um olhar positivo e um motivo pra comemorar!

À Universidade Federal de Uberlândia que desde a minha graduação e hoje na pós-graduação me proporcionou grandes encontros. Encontros com valiosos professores, encontros de amigos,

encontros com a biologia, encontros com a educação, encontros com a leitura e escrita, enfim, tantos e incalculáveis encontros potencialmente dotados de movimentos e intensidades.

À Lúcia, minha orientadora querida, inteligente, dinâmica, esforçada, uma professora completa, humana, sonhadora, que com seu jeitinho me ensina em cada orientação, em cada café, em cada passeio. Nosso encontro não foi um simples encontro! Foi um dos melhores encontros!

Aos amigos do Mestrado- MMuCCe que juntos convivemos, aprendemos, trabalhamos e acreditamos, principalmente no IV Erebio onde vivemos momentos incríveis e inesquecíveis!

À Karol pela amizade próxima principalmente nos momentos difíceis das aulas, seminários e disciplinas cansativas, sua amizade é alegre e motivante! E à Mari, fotógrafa especial, inspiradora cheia de ideias e criativa, obrigada pela participação em minha dissertação, sem o seu olhar delicado tudo ficaria mais estático! Desejo que seja muito feliz em suas escolhas!

À Milena, companheira de profissão, de lutas e buscas pelos sonhos. Ver o amor e a sensibilidade que tem em ser professora é motivante e gratificante! São por essas causas que vale a pena estar aqui, caminhar e (des)caminhar!

À minha amiga de longa data, Hellen, que entende os meus momentos de reclusão, que sabe como são os dias difíceis, mas que me ensina a ser forte, a superar, através de um simples olhar! À Laís minha amiga de desabafo, de motivação, que acolhe minhas lágrimas e torce por mim. Obrigada por ser minha confidente e fiel escudeira!

Em especial, ao Wallison. Sou eternamente grata pelo seu apoio, seu companheirismo, sua lealdade desde o início do mestrado e até hoje. Foi muito bom te encontrar! Não sei como, mas tem muito de você em mim, e muito de você aqui. Obrigada por ler comigo, estudar comigo, “viajar” comigo... A vida com você fica mais alegre, fica mais feliz!

À professora Tamiris, que com um olhar tão delicado e sensível pode ler minha dissertação e me encher de esperança! Suas considerações foram muito além de conceitos, foi alívio e coragem para prosseguir. À professora Camila por ter participado da minha qualificação com muita leveza de uma professora experiente, inteligente e intensa em suas experiências.

E finalizo agradecendo a essa banca maravilhosa, de mulheres maravilhosas! Daniela, professora, amiga, inspiradora, que sempre está ao meu lado para ajudar. E a professora Giovana a quem me

deu a honra de compartilhar a minha dissertação, suas contribuições para a escrita foi e será de muito valor.

Que beleza de intercessores, com eles qualquer obra fica mais bela!

“O essencial são os intercessores!...”

O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto que é meu e teu, evola-se um halo que transcende as frases, você sente? Minha experiência vem de que eu já consegui pintar o halo das coisas. O halo é mais importante que as coisas e as palavras. O halo é vertiginoso. Finco a palavra no vazio descampado: é uma palavra como fino bloco monolítico que projeta sombra. E é trombeta que anuncia.

Clarice Lispector

Resumo

Nesta dissertação procuro tecer linhas entre à formação de professores, os percursos e encontros da minha formação, reunidos em uma cartografia. Colocando em atravessamento outros olhares através de narrativas e encontros com objetos-dispositivos que fizeram parte do meu tornar-se professora. Entremio a Cartografia como posicionamento metodológico, que não se articula como método, mas como meio de deslocamentos e mergulhos no campo da educação. A partir dos encontros com os objetos-dispositivos – jaleco, cartas, cadernos, cartão postal, livro e giz, marcas de um percurso professora, pesquisadora, cartógrafa, delineio e devaneio contando e (d)escrevendo a partir das invisibilidades dos acontecimentos. Trago a ideia de um (des)caminho permeado por multiplicidades, escapando e rasgando a marca de um professor com identidade fixa e calcificada pelo tempo. Os encontros possibilitados nessa pesquisa tem o potencial de incentivar outros rastros de percurso ao longo de devir-professores, problematizar qual é o espaço e o tempo da educação e do professor, despertar aprendizagens por fissuras, rachaduras e processos de desejos.

Palavras-chave: formação de professores; hecceidades; cartografia.

Abstract

In this dissertation I try to weave lines between the formation of teachers, the courses and meetings of my formation, gathered in a cartography. Putting across other glances through narratives and encounters with objects-devices that were part of my becoming a teacher. I enter Cartography as a methodological position, which is not articulated as a method, but as a means of displacement and diving in the field of education. From the meetings with the objects-devices - lab coat, letters, notebooks, postcards, book and chalk, marks of a course teacher, researcher, cartographer, outline and daydream telling and (des) believing from the invisibilities of events. I bring the idea of a (dis) path permeated by multiplicities, escaping and tearing the mark of a teacher with fixed identity and calcified by time. The meetings made possible in this research have the potential to stimulate other trajectories along the path of becoming teachers, to problematize the space and time of education and the teacher, to awaken learning through cracks, cracks and desires processes.

Keywords: teacher training; hecceidades; cartography.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Rastros de encontros: professora em percurso..... | 05 |
| O meu caderno de Professora..... | 23 |
| O Jaleco..... | 37 |
| Cartão postal e museus..... | 46 |
| Coletânea do Pibid..... | 58 |
| O giz e o apagador..... | 66 |
| Caderno de Jaqueline..... | 75 |
| Cartas à professora..... | 86 |
| Referências..... | 94 |

O (DES)caminho será atravessado por um devir-professora, a partir dos meus encontros com objetos-dispositivos¹ que trazem marcas provocando novos tracejados, linhas em fuga, rizoma. Marcas que prevalecem em mim como pessoa, aluna, professora e pesquisadora. Esse devir-professora, sempre uma construção intermitente compartilhado com outros-devir-professores e outros tantos devires que atravessam os encontros, ampliando assim as linhas rizomáticas.

A investigação se dará pela escrita de narrativas sobre o meu processo de formação² como professora, pesquisadora, permeada pelos encontros com os objetos-dispositivos acumulados durante a minha trajetória. Objetos-dispositivos – jaleco, cartas, cadernos, cartão postal, livro, cartas – possibilitam possíveis e impossíveis encontros em percursos de formação. Cartografias.

¹ Inspirado em Foucault, Deleuze (1996) desenvolve o conceito de dispositivos como: “linhas que não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras” (1996, online). Considerando esse conceito utilizamos os objetos-dispositivos e pretendemos desenrolar suas linhas, cartografar, construir e desconstruir em devir-professora.

² As cartografias e as hecceidades nesse movimento são escritas em primeira pessoa evidente nas narrativas que compõem o trabalho. E também em terceira pessoa, pois os encontros se dão entre corpos, em multiplicidades. Falamos de um eu, que é um coletivo, “o eu dissolvido abre-se a uma série de papéis [...]” (ZOURABICHVILI, 2016, p, 151).

Os objetos-dispositivos tem o potencial para parar o tempo, vê-lo de uma de outra maneira, sem a possível separação entre o presente, passado e futuro. São blocos que atravessam e provocam hecceidades, mudança de tempo, de natureza, de ser professora... em formação. Afetar e ser afetado, os encontros tem essa potência, e esta dissertação também. Para o leitor-professor, o leitor-aluno, ou outros leitores interessados, o desejo é de que a leitura desperte movimentos, velocidades, lentidões, atravessamentos. Compondo outras paisagens sobre o tornar-se professor. Cartografias.

No texto utilizamos alguns recursos visuais para desencadear alguns entendimentos da escrita que se propõem cartográfica. Escolhemos: centralizado e em itálico, quando se trata das narrativas escritas nos encontros professora-pesquisadora-cartógrafa-objetos-dispositivos; em itálico alinhado à direita estão às inspirações, que também foram referenciadas ao longo da escrita.

Permeamos a escrita com algumas fotos de encontros, fotos em movimentos, que revelam por si mesma desterritorializações e reterritorializações a partir dos objetos-dispositivos marcados ao longo do texto.

RASTROS DE ENCONTROS: PROFESSORA EM PERCURSO

(DES) Caminhos se fazem justamente em fissura ao caminho traçado, ao caminho descrito, ao caminho desenhado, e seguimos abertas para outros encontros, outros ares, não no sentido de traçar, descrever, cartografar geograficamente um território, reconhecer os obstáculos e determinar os encontros, mas para desvendar uma outra rota, viver uma outra história. O desejo é somente despertar a vontade e, às vezes, se encher de coragem para mudar o rumo, de voltar, de percorrer outros caminhos, de viver outros encontros, potência! Desterritorializar quando se acha, reterritorializar quando se chega, um novo caminho, aquele que só se desvela caminhando, ou melhor, (des)caminhando.

*Fui andando...
Meus passos não eram para chegar porque não havia
chegada
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.
Fui andando...*

(Manoel de Barros, 2010).

O desejo pela pesquisa foi se alongando por entre os caminhos, na graduação, na escola, ao ministrar as aulas, em cada lugar fui questionando o gosto por estudar a educação, a minha formação, os espaços de aprendizagens, as metodologias de ensino. A pós-graduação com o Mestrado em Educação em Ciências foi um elo entre esses atravessamentos e mais um encontro que me permitiu criar e compor outras linhas.

Entre encontros e desencontros sobre o que pesquisar no Mestrado, seguir ou não quais linhas de pesquisas, ler ou não esses ou aqueles referenciais, me deparei com uma caixa, a Caixa-livro com livros da coleção “O Gabinete de Curiosidades” de Domenico Vandelli (2008).

Fui para casa e levei aquela Caixa-livro enorme e cheia de curiosidades. Ao abrir encontrei uma coleção rica, com livros, jogo da memória, cartazes, ilustrações, formas variadas, tudo cheio de cor, de vida, de poesia, de inspirações. A Caixa-livro com a coleção “O Gabinete de Curiosidades” de Domenico Vandelli (2008) foi criada a partir da exposição “Gabinetes de curiosidades”, ideia de Anna Paula Martins, quando andava por Portugal atrás de rastros do naturalista Domenico Vandelli e depois incorporada por Paulo Bernaschina dentre outros artistas.

Segundo Lopes (2008), Domenico Vandelli (1735-1816) foi naturalista, médico, político e empresário, organizou expedições filosóficas ao Brasil, construiu jardins botânicos, investigou fauna e flora e se destacou por estudar e conhecer várias áreas de conhecimento que aparentemente não tinha nada em comum entre si, mas muito de seus conhecimentos ficaram ocultos na história por desconfiarem de sua orientação política. Por ser considerado determinado, inovador em suas pesquisas, muitos estudiosos aqui e em outros países se interessaram por desvendar e contar a sua história.

Não tive a oportunidade de visitar a exposição, mas a Caixa-livro concretiza e ilustra essa obra apresentando os caminhos percorridos durante a pesquisa do naturalista. Um dos destaques da exposição foi reunir objetos-dispositivos recolhidos durante às expedições ultramarinas organizadas por Vandelli no século XVIII, e obras de arte que contassem sobre o naturalista italiano.

Imersa nesse contexto, eu também fui em busca de objetos-dispositivos que contassem a minha história, de aluna, de pesquisadora e de docente, objetos-dispositivos esses que falam, que

contam, que tem afetos³ e que possibilitam potencializar outros olhares e diferenças sobre o tornar-se professora.

A partir das leituras de Mil Platôs (DELEUZE e GUATARRI, 2012) inicialmente nas aulas da disciplina de História e Historiografia da Educação na pós-graduação e depois no Grupo de estudos tive o contato com a Filosofia da diferença e como esta poderia ser deslocada também para o campo da educação. O conceito de tempo como bloco de duração, o conceito de devir e de heciedade, inspiraram intensamente essa cartografia-professora.

Junto a isso, a dissertação “Encontros e esperas de uma professora em percurso” escrita por Tamires Vaz (2013) despertou fissuras e atravessamentos na minha formação de professora. A identificação pela pesquisa em questão se deu pelo fato de me encontrar com a professora, autora

³ “No livro principal de Spinoza, que se chama “Ética” e está escrito em latim, encontramos duas palavras: “affectio” e “affectus”. Alguns tradutores, muito estranhamente, traduzem-nas da mesma maneira. É uma catástrofe. Eles traduzem os dois termos, affectio e affectus, por “afecção”. Eu digo que é uma catástrofe porque, quando um filósofo emprega duas palavras é que, por princípio, ele tem uma razão, e, além disso, o francês fornece-nos facilmente as duas palavras que correspondem rigorosamente a affectio e a affectus, que são “affectio” [afecção] para affectio e “affect” [afeto] para affectus. Alguns tradutores traduzem affectio por afecção e affectus por sentimento, é melhor do que traduzi-los pela mesma palavra, mas eu não vejo necessidade de recorrer à palavra “sentimento” já que o francês dispõe da palavra “affect” [afeto]. Assim, quando eu emprego a palavra “afeto” ela remete ao affectus de Spinoza, e quando eu disser a palavra “afecção”, ela remete a affectio” (DELEUZE, 1978, online). Dessa forma, utilizamos a palavra afeto com o sentido de sentimento e a palavra afecto como algo que envolva a diminuição ou o aumento da potência de agir.

que escreve, pela sensibilidade das palavras e pela movimentação dos conceitos transpostos da Filosofia da diferença.

Esses referenciais, as experiências vividas durante a minha formação e o exercício da minha profissão me provocaram a investir na pesquisa de Mestrado que este texto apresenta. As perguntas: como ser professora? Quais os elementos ‘escondidos’ durante o percurso de ‘ser professora’? Como reinventar outros modos de vida que compõe o docente da diferença? Passaram a fazer parte do meu dia a dia.

Assim proponho desterritorializar conceitos da filosofia de Deleuze e Guatarri e reterritorializá-los no solo da educação, nos encontros com o Caderno de Professora, com o Jaleco, com os Postais de Viagem, com o Pibid, com o Giz e o Apagador, com Caderno de Jaqueline e com as Cartas da professora – objetos-dispositivos que acumulei no (des)caminho da minha formação, em hecidades... Infinitude de movimentos, velocidade e lentidão: marcas com poder de afetar e ser afetado. Nas palavras de Deleuze e Guatarri (2012):

[...] Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecidades, no sentido de que

tudo aí é relação de movimento de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e de ser afetado [...] (DELEUZE e GUATARRI, 2012, p. 49).

Hecciedades se justificam por intensidades de forças que estão na superfície, que se afloram nos encontros, não estando sujeita a uma subjetivação de um eu⁴, com sua essência, unidade, ou profundezas. Ela está nos acontecimentos, nas dobras, e nas multiplicidades dos movimentos e nas intensidades que estão na superfície, nas linhas, na pele.

A individuação sem sujeito, hecciedades, revela a todo o momento a inexistência de um eu que cartografa, mas a importância da (des)construção dessa figura para manifestar a potência de afectos⁵ e perceptos⁶ que envolvem os encontros com os objetos-dispositivos. Não importa o eu que escreve e cartografa, o eu que lê, o nome próprio, mas o bando que há por trás, o coletivo de professores que estão em devir nesta escrita e leitura. O que se evidencia são os movimentos, o jogo

⁴ Processo contínuo caracterizado por Suely Rolnik como “um sempre outro”, “um si e não si ao mesmo tempo” (1997, p.5).

⁵ Afectos, utilizado por Deleuze (2007) para designar a “sensação (o contrário do sensacional) como o encontro de uma onda que percorre o corpo com as forças que agem sobre ele” (p. 52).

⁶ “Não há perceptos sem afectos. Tentei definir o percepto como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente [...] O que busca um homem de letras, um escritor ou um romancista? Acho que ele quer poder construir conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem [...] Vou dar alguns exemplos. Há páginas de Tolstoi que descrevem o que um pintor mal saberia descrever. Ou páginas de Tchekov que, de outra maneira, descrevem o calor da estepe. Há um grande complexo de sensações, pois há sensações visuais, auditivas e quase gustativas (DELEUZE, 1997, p. 52).

de forças, os afectos e perceptos que afloram desses encontros e se exprimem por meio de um infinito de tempo e espaço entre um coletivo: professores, objetos-dispositivos, leitores. Os nomes próprios, Pesquisadora, Professora, Cartógrafa, vem antes como bando, em acontecimentos:

O nome próprio designa antes algo que é da ordem do acontecimento, do devir ou da hecceidade. São os militares e os meteorologistas que têm os segredos dos nomes próprios, quando eles os dão a uma operação estratégica, ou a um tufão. O nome próprio não é o sujeito de um tempo, mas o agente de um infinitivo. Ele marca uma longitude e uma latitude. Se o Carrapato, o Lobo, o Cavalo, etc., são verdadeiros nomes próprios, não é em razão dos denominadores genéricos e específicos que os caracterizam, mas das velocidades que os compõem e dos afectos que os preenchem: o acontecimento que eles são para si mesmos e nos agenciamentos [...] (DELEUZE e GUATARRI, 2007, p.54).

(Des)caminhar impulsionada por um devir. O caminho não está pronto, ele é feito, desfeito a todo o momento, a todo instante, às vezes é preciso desconstruir para construir novamente, às vezes é preciso correr em busca de outro caminho. O (Des)caminhar que tanto desejamos é a coragem de quebrar os muros impostos, é fugir da prisão do mesmo, é a linha de fuga, a válvula de escape, desterritorializar.

Quando (des)caminhamos encontramos as linhas de fuga que são capazes de vazar pelas paredes das imposições, do modelo escolar, da formação de professores, da academia e enxergamos outros fluxos. A luta se inicia e acontece pelas linhas de fuga, pelas bordas, pelas dobras, pelas brechas.

O conceito de desterritorialização que aqui trazemos foi criado por Deleuze e Guatarri (1992) e encontra-se desenvolvido especialmente na obra de Mil Platôs. Nesse conceito, a noção de desterritorialização é criada para se afastar da dialética do sujeito e do dualismo existente entre sujeito-objeto, corpo-alma, professor-aluno, e ainda dos territórios desenhados. Em contrapartida propõem o pensamento rizomático, fundamental na Filosofia da diferença, pois Deleuze e Guatarri (1995) constroem o pensamento através do modelo de rizoma. Para fugir da hierarquia e considerar a multiplicidade propõem a construção do pensamento onde os conceitos não partem de um ponto central, aos quais os outros conceitos devem se remeter (semelhante a uma raiz de árvore), o rizoma funciona ao contrário dessa ideia, através de encontros desenhando uma cartografia de multiplicidades, onde tudo se conecta, de forma aberta, desmontável, reversível, sempre com múltiplas entradas. “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa

estrutura, numa árvore, numa raiz, existem somente linhas” (DELEUZE e GUATARRI, 1995, p. 16).

O conceito de rizoma remete a multiplicidade, sem hierarquizações, colocando em questão relações intrínsecas e conectando várias áreas do saber. Nessa perspectiva rizomática podemos discutir várias temáticas em relação à formação dos professores, ao currículo, e a escola, abrindo-se a multiplicidades. (Des)caminhar é também desterritorializar, ou ainda, o processo de construir, destruir, ou abandonar os territórios humanos, formalizados e impostos desde sempre, e criar linhas rizomáticas, sem hierarquias, em suas intensidades, para um permanente devir.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 323).

Para criar linhas de fuga e sair desses territórios tão endurecidos trazemos aqui a arte do encontro, o encontro é uma importante ferramenta para perfurar o muro da unidade, o modelo de normalidade, e do assujeitamento. No livro *Espinosa*, escrito por Deleuze (2006), o encontro são as

relações entre dois ou mais corpos, esses corpos não necessariamente são humanos, compostos por órgãos e funções predefinidas, pois é só no encontro que o corpo se define. Dessa forma não importa os órgãos, ou suas funções, individualmente um corpo tem pouco interesse. O ser evidente nessa pesquisa é o ser dos devires, ou melhor, devir-professor, devir-professora que pulsam nos encontros que permeiam (des)caminhos, nunca pronto e inacabado. No encontro consideramos o outro!

Após o encontro com a Caixa-livro da coleção “O Gabinete de Curiosidades” de Domenico Vandelli (2008) e as leituras, senti a necessidade de outros encontros, encontros com outros corpos, com corpos que me afetaram, corpos que falassem, que contassem, e que potencializassem outros olhares e diferenças sobre o tornar-se professora. Encontrei no trabalho “Contribuições de Deleuze e Guatarri para a Educação” de Sandra Corazza (2012) a ideia de mergulhar nos acontecimentos que ultrapassam as práticas pedagógicas, os dados históricos, os fatos educacionais, e avançassem na produção de pensamentos, em graus de intensidade, nos limiares de poderes, entre saberes, em devir.

Os encontros com os objetos-dispositivos - Caderno da Professora, o Jaleco, os Postais de Viagem, o Pibid, o Giz e o Apagador, Caderno de Jaqueline e as Cartas da professora, aconteceram

todos os dias, em qualquer instante de tempo, sem data marcada, ou ordem de escolha. Eles estavam sempre à vista e dessa forma cada um atravessava, ora despertando a escrita de narrativas, ora provocando resistências, alguns proporcionaram bons encontros, outros nem tanto e assim foi se desenhando esta cartografia.

Além das narrativas, as imagens que compõe essa pesquisa também foram resultados de movimentos, lentidões, linhas de afetos que se criaram nos encontros. Os objetos-dispositivos foram levados para outros lugares, um jardim, um parque, uma lagoa. A ideia foi retirar os objetos-dispositivos do seu lugar comum: a escola, a sala de aula, a professora, os alunos e alunas e abrir possibilidades para a mudança de natureza, a mudança de olhar e relação que acontecem no encontro em devir. Inspiradas pelo comentário de uma das professoras da banca de qualificação lançamos os objetos-dispositivos a outros espaços e linguagens: fotografar foi olhar e movimentar em outros ângulos, outras paisagens. As imagens tem a intenção de serem disparadoras de caminhos narrativos tanto para essa pesquisa, quanto para outras cartografias, conectadas às experiências e ao texto, tem o potencial de abrir possibilidades de aprendizagem em rizoma e a

partir delas hecceidades. As imagens tem o poder de dizer aquilo que o texto não foi capaz de dizer em palavras!

Para cartografar esses encontros em um (des)caminho consideramos que as narrativas não foram de fatos passados, porque aqui não concebemos lembranças, mas hecceidades, processos que são da ordem das intensidades, da capacidade de agir sobre o corpo em qualquer momento, de afectar e ser afectado.

Mas a verdade é que nosso presente não deve se definir como o que é mais intenso: ele é o que age sobre nós e o que nos faz agir, ele é sensorial e é motor; - nosso presente é antes de tudo o estado de nosso corpo. Nosso passado, ao contrário, é o que não age mais, mas poderia agir, o que agirá ao inserir-se numa sensação presente da qual tomará emprestada a vitalidade. É verdade que, no momento em que a lembrança se atualiza passando assim a agir, ela deixa de ser lembrança, torna-se novamente percepção (BERGSON, 1999, p. 281).

No processo dessa investigação a Cartografia se apresenta como um posicionamento importante para contribuir com a invenção de (des)caminhos, criar outros caminhos para se pensar a educação. Suely Rolnik (2016) faz menção à cartografia na geografia como a ciência das representações gráficas que acompanha o geógrafo em trabalhos sobre paisagens da superfície terrestre dando origem aos mapas. Em contrapartida, segunda ela a cartografia proposta por

Deleuze e Guatarri também cartografa paisagens, mas agora paisagens psicossociais, que surgem e acompanha o cartógrafo na descoberta de novos mundos, na formação de outros mundos, que surgem para expressar os afectos.

A pesquisadora, que aqui venho chamando de cartógrafa, é totalmente diferente do pesquisador na ciência moderna, onde há a separação entre ele, o sujeito e o objeto. O cartógrafo tem o papel de habitar um território desconhecido e deixar ser tomado pelo novo, se envolver com o campo existencial e com os encontros vividos. Rolnik (2016) resume a tarefa do cartógrafo em: “dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias” (p. 1).

Com a cartografia o docente pode ser pensado de maneira que privilegia os acontecimentos. Suely Rolnik (2016) complementa dizendo que “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado” (p.65), e assim permanece em uma constante busca em encontrar elementos escondidos e dar visibilidade aos movimentos de desejos e aos afetos que atravessam tantos e possíveis encontros. Nesse sentido existe um critério de escolha

essencial para selecionar as matérias de expressão confundidas nos movimentos de vida: privilegiar as “composições de linguagem que favorecem a passagem de intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender” (ROLNIK, 2016, p. 2).

Sendo assim, o processo da pesquisa provém de um atravessamento das fronteiras que vão se reconstruindo e reestabelecendo por meio das relações que emergem nos encontros, seja com os objetos-dispositivos, com a leitura e com a escrita, com o intuito de pluralizar a realidade da formação dos professores, que não está pronta e inacabada, é um permanente devir.

Para traçar esse trabalho com a cartografia é necessário um rigor, aqui caracterizado por se tratar de um rigor ético, estético e político. Segundo Suely Rolnik (1993), ético quando se refere a um valor moral, distanciando de um método, de um campo específico do saber, considerando o rigor sobre as marcas; estético no sentido de considerar como rigor as marcas que incorporam na criação; e político porque envolve uma luta de forças e movimentos de desejos relativos de um devir-professora.

Trilhando o referencial da Cartografia utilizamos os objetos-dispositivos baseado em Foucault (1979). Para ele “o dispositivo é uma rede de poder que se pode estabelecer entre vários

elementos: discursos, instituições, leis, enunciados, posições filosóficas, etc.” Sobre esse conceito Deleuze comenta que “o dispositivo é um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente.”

Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele chama de ‘trabalho de terreno’. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de este a oeste, em diagonal (2005, p.1).

Com isso, os objetos-dispositivos, tencionam, movimentam para outro lugar, instigando outros caminhos, formando outros mapas e conexões, de um devir-professora.

Por um devir-professora! Por um tornar-se professora! É por isso que (des)caminhamos, desterritorializamos, em rizomas, por hecceidades. Todos esses conceitos importados da literatura de Deleuze e Guatarri estão presentes nos encontros, em rizoma, em linhas que se conectam, que começam e terminam no que buscamos movimentar na dissertação, um devir-professora.

Quando escrevemos em devir-professora, estamos sempre lidando com uma “matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade” como dizem Deleuze e

Guatarri, (2012). Todo devir é uma porta que precisamos atravessar, é um muro que precisamos quebrar e fugir para um lugar antes desconhecido e encontrarmos ali possibilidades que jamais encontraríamos se estivéssemos sozinhos, sem alianças, sem multiplicidades. Fuga, nesse sentido, não é sinônimo de fugir do medo, mas pode ser fugir do tédio, do comodismo, do imposto, do marasmo, no sentido de encontrar outra ideia, que se amplie, contagie, se multiplique, em intensidades e movimentos para além de uma professoralidade⁷.

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. (DELEUZE e GUATARRI, 2012, p.67).

Convidamos você para escapar dos saberes advindos acerca da profissão professor - aquele que professa, ensina, detém o 'poder' - e se embarcar no (des)caminho de um devir-professora. Desejamos a você desterritorializações, reterritorializações, hecceidades, sempre em rizomas e

⁷ Entendemos professoralidade segundo Oliveira (2003) como “o processo de construção de um perfil/performance profissional que se dá ao longo da trajetória pessoal e profissional do professor, sendo sua garantia um desejo/disposição de aprendizagem contínua e permanente na profissão” (p.375).

multiplicidades a fim de nos encontrarmos num constante e infinito devir, tornar-se professor através dos/nos encontros.



*Não me digas como se
caminha e por onde é o
caminho*

*Deixa-me simplesmente
acompanhar-te quando
eu quiser*

*Se o caminho dos teus
passos estiver
iluminado*

*Pela mais cintilante das
estrelas que espreitam
as noites e os dias*

*Mesmo que tu me
percas e eu te perca*

*Algures na caminhada
certamente nos
reencontraremos*

*(Ademar Ferreira dos
Santos, 2007)*

O meu caderno de Professora

Comprei com tanto carinho, em um dia das férias de janeiro, passeando por um supermercado com minha mãe. Escolhi, com a opinião da minha mãe, dentre tantas outras opções o caderno que ia fazer parte do meu dia a dia do primeiro ano como professora. Desde esse dia, sabia da importância desse caderno como companheiro diário dos meus dias, dos pensamentos, do conteúdo, dos meus alunos, entre outros.

O primeiro encontro: acordei cedo, em um dia nublado, com o frio na barriga, mãos geladas, peguei o carro e fui para a escola.. Assim começou meu primeiro dia de aula, como professora, que ia assumir as suas próprias salas de aulas, os seus alunos, sem nenhum estagiário, ou professor da universidade por perto, seja para avaliar ou apoiar a minha atuação. Não! Era só eu, meu caderno e meus alunos! Nós!

Chegando a escola o primeiro momento foi a sala dos professores. Tantos professores! Homens e mulheres. Em sua maioria, com muitos anos de carreira. Nesse momento, quieta e observadora fiquei em meio a tantos assuntos, conversas e desabaços. Em um momento me viram ali e se iniciou então uma série de perguntas e comentários:

- Mas como pode?! Você é tão nova! Podia ter escolhido outra profissão!

- Ser professor não ganha nada! Não vale a pena!

- Escola é o pior lugar que existe! Se eu pudesse voltar atrás tinha feito outra coisa!

- Esses alunos não querem nada! Não adianta você chegar com novas ideias!

Além de toda a ansiedade desse primeiro dia de aula como professora, os sentimentos de decepção e angústia ainda me faz engolir em seco. A vontade de desistir e voltar para casa, procurar outra profissão, antes mesmo de encarar, era enorme! Numa atitude desesperada tentava olhar e reconhecer em algum outro professor um sentimento diferente, um sentimento de prazer, de persistência e de incentivo. Mas era praticamente impossível.

O segundo encontro foi com a supervisora: nessa conversa recebi o aviso que fiquei responsável pelo 6º ano, todas as turmas, e, portanto, precisaria ser muito firme com esses alunos, pois a série era considerada a mais difícil da escola, indisciplinada e com bastante número de alunos por sala. Foi me orientado pra não sorrir, demonstrar insensibilidade e passar um grande volume de textos no quadro para a cópia.

Por um instante fui atravessada por todos os dias de estudo que vivi durante a graduação, pelas pesquisas realizadas, pelos trabalhos bem feitos, iniciações científicas, estágios, Pibid... mas a pergunta que se repetia na minha cabeça era: pra que estudei tudo isso? Sendo que de nada estava me ajudando, nem mesmo para expor a minha opinião contrária à supervisora. Sem ter o que questionar, afinal, era a supervisora experiente, com muitos anos de sala de aula, então ouvi e acatei exteriormente silenciosa e interiormente preocupada e gritando.

O caderno me possibilita ir a outro encontro com a supervisora: enquanto eu estava preocupada com os conteúdos, o que priorizar, a importância do meu planejamento anual mais adequado aos meus alunos ela me surpreende com o seguinte comentário:

- Não se preocupe com o conteúdo aqui na escola, é uma escola de periferia! O importante é você saber ser autoritária, um pouco carinhosa com os alunos mais carentes e passar algumas noções sobre higiene básica, como tomar banho e usar sabonetes e desodorantes.

Mais uma vez me esbarrei com o pensamento de outrora. Afinal, do que realmente essas crianças necessitam? O que importa pra vida de cada uma? Qual o sonho de cada uma? Como a disciplina de ciências por mim ministrada pode influenciar nesse processo? Vivi muitos embates durante esse ano.

Sentimentos antagônicos sempre me atacavam numa relação de amor e ódio pela profissão, ora reconhecida ora esquecida, ora valorizada ora desvalorizada.

Bom! Não dei muita importância ao que ela me falou e resolvi fazer o planejamento do meu jeito, incluindo temáticas atuais, aulas práticas, passeios no Museu de Biodiversidade do Cerrado, e tudo aquilo que eu podia, considerando os espaços extraescolares. Ineri-me em um projeto da Universidade de formação continuada para professores, e colaborei para a participação de muitos alunos interessados em pesquisas da academia, incluindo a criação de um Meliponário na escola.

O caderno sempre me acompanhou, foi e voltou, caminhou e (des)caminhou, do primeiro dia ao último dia de aula, fora e dentro da escola. Ele foi espaço de desabafo, de anotações, de conteúdo, de afetos, de encontros. O caderno passeou por várias dimensões, por vários corpos, e encontros, encontros com professores, alunos, supervisor, escola, amigos.

Não tive a pretensão de conseguir superar todas as minhas expectativas para o meu primeiro ano ministrando aulas e com certeza não descobri respostas pra nenhuma das minhas perguntas, mas vivi cada encontro, e cada experiência em intensidades, em devir. Professora, pesquisadora, em rizomas, na escola e na vida dos alunos.

Desde quando nos entendemos por gente estamos pensando e estão nos falando sobre “ser”. Ser alguém na vida, ser médico, ser advogado, ser biólogo, ser professor...etc e tal. Sempre o dever “ser”, engessado, fixo e estabilizado. Basta “ser” alguma coisa, “ser” é existência e dele não podemos escapar. Mas “ser professor”? Professor você não deve ser!

Vaz (2012) descreve muito bem a preocupação de não se criar a identidade fixa do ‘ser professor’, pois ‘ser’ professor não é existência, e sim uma das possíveis profissões que assumimos em um momento da vida: “[...] o professor não é existência (ser), é acontecimento; não é identidade, é devir, é alguém que constrói lugares ao invés de somente habitar espaços inventados por outrem” (p.9).

O encontro com *O meu Caderno de Professora* traz marcas de um processo histórico de formação de professores e profissionais da educação muito antigo, mas que ainda se reflete em momentos atuais, como narrado. A história da formação de professores é um território forte, duro, marcado, estagnado e difícil de ser perfurado, justamente pelos tijolos e concretos que compuseram a base desse processo.

Segundo Corazza (2005) a presença do professor na sociedade é muito antiga, desde a chegada dos padres jesuítas de Portugal no Brasil para catequizar os índios, passando pelo século XVII com a *Didática Magna*, a descoberta da infância e a institucionalização do ensino pela criação da escola. Em decorrência das mudanças estruturais do país, foram acontecendo reformas educacionais, e o professor foi submetido a diversas condições de vida e trabalho, uma delas foi a Revolução Francesa.

Segundo Leão (2008), as políticas da educação escolar contemporânea são influenciadas pelos fatores históricos. A Revolução Francesa no século XVIII foi importante e decisiva no meio educacional pela questão da cidadania e do direito a educação, desde o final do século XX sua repercussão foi amplamente discutida na educação brasileira especialmente pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998),

Desse modo a modernidade iluminista produziu e propagou em todos os âmbitos da sociedade com ênfase na escola o discurso da cientificidade e da normalidade, a questão da racionalização dos

conteúdos escolares, alinhados ao pensamento representacional. O resultado desse processo é observado ainda hoje, em uma sociedade considerada pós-moderna e globalizada.

(Des)caminhamos para fugir da historicização da formação do professor, para desnudar que o processo de educar é coletivo e participativo, para revelar que na formação de professores e na educação se exige interações, conexões igualmente importantes, rizomas. A educação se faz pela criação e desconstrução de conceitos, de verdades, pela descoberta de outras imagens, pela possibilidade produzir em coletivo novos olhares, outras alternativas, “Educação é encontro de singularidades” (GALLO, 2008, p. 1).

O pensamento da representação determinou que o território da formação fosse o eu, o eu identitário, fixo e limitador, amparado por práticas discursivas, sempre ligado à unidade. Daí sua dificuldade em lidar com o outro enquanto outro, pois tudo se reduz ao uno. A Filosofia da diferença proposta por Deleuze em seus conceitos rizomáticos recusa o uno e pensa o mundo como múltiplo (FELDENS e SANTANA, 2011).

Trago Nietzsche (2011) para sustentar a ideia de um constante tornar-se, pois o (des)caminho não se refere à construção de uma identidade, não se trata de um manual com instruções de como

ser professora, de um eu e está longe disso. O desejo é olhar o outro e seus deslocamentos, é formar uma trama de diferentes linhas, é acolher as diversidades, condições que a sociedade contemporânea pede. Por isso, quando estamos falando do outro, pensamos na possibilidade de encontros.

O que pretendemos com as singularidades dos acontecimentos e dos encontros vividos - marcados pelos objetos-dispositivos, é despertar outros encontros, promover outros 'inventar-te a si mesmo', abrindo portas para a diferenciação, valorização da importância de se trilhar os (des)caminhos do 'ser professor' nas pequenas coisas, nas sensações do vivido, nas formas de olhar o outro.

Como a profissão de professor está relacionada com a questão da aprendizagem? Em que se constitui esse "aprender" a ser professor? Não nos interessa a saída de um momento no qual não se sabe nada sobre algo, para o momento em que se sabe sobre esse algo. Até porque desde quando nos inserimos no universo escolar, observando nossos professores, sendo alunos, já nos inteiramos e carregamos marcas⁸ e detalhes do ser professor. Mas, o importante na questão da aprendizagem é o

⁸ Marcas, segundo Suely Rolnik (1993) tem o potencial para se provocar estados inéditos no corpo (p. 2).

processo, a passagem entre esses dois momentos. Como afirma Deleuze (2006) “Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas, é uma tarefa infinita [...]” (p. 160).

Nesse sentido levamos em conta o processo de aprender como uma passagem de criação, reinvenção e novos modos de produção de si e do mundo. Aprender é criar e reinventar a todo o momento, a cada encontro entre corpos. E é desse modo que o professor, nessa perspectiva, se encontra, não como ser pronto e inacabado. Mas como dotado de potência para se reinventar considerando os encontros e a problematização de um devir-professora, de tornar-se professora.

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender - que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma quebrada daquilo que traz e transmite a diferença. Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou a ideia que percorre inteiramente todo o indivíduo [...] (Deleuze, 2006, p. 159).

Nesse contexto a proposta é sair dos modismos, romper com a zona de conforto e metodologias tradicionais e se pensar em inovação, criação de novos modelos, produzir diferenças e diferenciações que considerem o campo da educação um constante devir inacabado.

A hecceidade se manifesta mais uma vez no momento de desconstruir a imagem cronológica da formação do professor, pois ela não tem raízes na memória, nem na composição de imagens do passado, ela é feita de linhas, de rizoma. Sem começo e sem fim, sem origem e sem destinação; está sempre no meio, nas dobras.

O encontro evocado aqui, com o Caderno de Professora, com os professores, com a supervisora e tantos outros encontros que se seguem, tem o potencial de deslocar um bloco de condições longitudinais e latitudinais no corpo. Segundo Deleuze e Guatarri (2012) longitudinais são as linhas de movimentos, velocidades e repousos em que o corpo é submetido sem saber necessariamente o que pode o corpo. Latitudinais são os afectos que atravessam o corpo, pelas quais sua potência de agir pode ser aumentada ou diminuída.

Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso. Será que a

música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão? É possível (DELEUZE, 1997, p.53).

Como vimos, Deleuze anuncia um indivíduo é concebido pelos afetos de que é capaz. São nos encontros que se manifestam a intersecção, as dobras, as linhas de movimentos de desejo e dos afectos. Só aí é que temos a noção do que um corpo é capaz, sua potência e não sua essência. É o ser em devires que sobressaem nesses encontros de corpos.

Trago aqui alguns trechos do Caderno da Professora para outros e tantos possíveis encontros:

6º ano B, dia 19/05:

- Felipe e Gabriel não fizeram atividade.
- Jefferson Silva dormiu durante a aula e não fez a atividade.

Planejamento semana, dia 17/08:

- Elaborar um texto para xerox sobre a 'Água' mais exercícios.
- Revisão da matéria para Prova Bimestral.
- Elaborar a Prova Bimestral.

Dia 12/02/2014:

Os seres vivos interagem um com os outros: um passarinho geralmente faz seu ninho em árvores ou arbustos, alimentam-se de insetos, frutos ou sementes, pode se acasalar e ter filhotes. Também pode ser alimento de serpentes e outros animais.

Ao ler essas anotações do meu Caderno, que era feito como diário, com o planejamento de atividades e conteúdos a serem desenvolvidos, penso na relação de professora e alunos, penso na relação da professora e a escola, penso na formação dos professores, no conhecimento que vem sendo passado por gerações, não voltados à professora que escreve, à essa identidade, esse nome próprio pois esse caderno é de todos os professores, esse caderno é um eu e outros tantos.

O caderno provoca algumas questões acerca da formação de professores, que retomamos nesse momento: Como nos tornamos professores? Como aprendemos a ser professor? Repetimos os mesmos comportamentos dos nossos precedentes? O que o professor deve assumir? Objetivos rotineiros? Perspectivas educacionais?

Para essa reflexão Fernandes, Viana e Scareli (2016) destacam o interesse de alguns estudos atuais em educação, dedicados a investigar a prática pedagógica, os aspectos curriculares, e o

contexto de formação inicial de professores no Brasil. E, além disso, coloca em discussão um espaço em que chama de fronteira após a conclusão da licenciatura, um momento de passagem entre o não professor ao professor.

“Um espaço que tem se configurado como constructo documental e como realidade de sensação pois impõe a formação inicial uma completude, uma suficiência e que desejamos ampliar, esgarçar, abrir a linha para ver o meio” (FERNANDES, VIANA e SCARELI, 2016, p.219). Destaco aqui, a ampliação desse tempo de fronteira aos primeiros anos do professor iniciante, que ao deixar a universidade perdem seu vínculo com a instituição teórica do conhecimento e logo se inserem no meio escolar, local da prática de seus conhecimentos (FERNANDES, VIANA e SCARELI, 2016). Nesse intermeio também cartografo e escrevo ao longo dessa pesquisa.



Monólogo do jaleco: Vestes da Resistência⁹

Que discursos se inscrevem sobre mim?

Que discursos dou visibilidade?

Que poder imponentemente exerço sobre quem me usa?

Que sujeitos são tecidos em meio às relações de poder que dou visibilidade?

Que marcas de poder estão tatuados em mim?

[...]

E...Que docência sou capaz de fabricar?

⁹ Texto apresentado em forma de vídeo na Mostra Internacional de formação, Ciência e Arte: Autobiografia, Arte e Cinema na Formação Docente, realizada na Universidade Federal do Pará nos dias 06 a 08 de abril de 2016.

Docência aprisionada por uma capa

Docência que não tem sexo

Docência travestida de pudor.

(Rodrigues e Chaves, 2016).

O Jaleco

Um dia de muita chuva, céu nublado, chego à Universidade a procura de um prédio onde estava marcado no papel. Procuro, subo escada, voltas nos corredores, o prédio estava vazio e eu só pensava onde estava todo mundo, mas enfim achei a sala. Para minha surpresa a sala também estava vazia, apenas uma pessoa, e mais ninguém. O tempo parou num instante até que me vi no primeiro dia de aula da minha vida... “aquele frio na barriga, a vontade de voltar pra casa, e querer apenas a companhia da minha mãe, e o choro quando eu não mais a vi.” Mas agora não! Não é o primeiro dia de aula da vida! Minha mãe nem sequer foi me levar! Era o primeiro dia de aula no ensino superior, a escolha pela Biologia. Eu não podia mais chorar!

Em um instante, como de segundos, surge uma voz com a única pessoa que estava na sala e que não havia reparado, uma jovem como eu na época, em

idade, desejos e anseios, e ali trocamos as aflições desse momento, trocamos histórias de vida, e iniciamos uma amizade, até que a espera se encurtou e como num passe de mágica todos chegaram juntos, os outros alunos e o professor.

Iniciando a aula de anatomia humana, o professor anotou no quadro as informações e materiais de estudo, dentre eles o item básico para as aulas práticas: “O jaleco”. E entre todo o processo de tirar medidas na costureira até pegá-lo pronto, bonito, bordado e bem branco. A partir desse dia nunca mais nos separamos, entre aulas, práticas, provas, de anatomia, de botânica, de zoologia, ele estava ali.

Quando olho para o jaleco vivo o frio na barriga do primeiro dia de aula na universidade; desloco-me ao encontro com a única pessoa que estava na sala de aula naquele momento e com quem construí um elo de amizade; sinto o medo e a insegurança das provas práticas; do cheiro do formol no laboratório de anatomia e dos meus olhos vermelhos e cheios de lágrimas por não tolerá-lo muito bem; refaço as provas de botânica reclassificando cada flor que estava em minha bancada. O Jaleco tem sentimentos! Amizade, saudade e até medo!

Vou ao restaurante universitário e sinto o gosto da polenta com frango, a alegria de sair de lá e comprar a sobremesa, que variava entre bombons e cremosinho de maracujá. O Jaleco tem cheiro e tem gosto!

Vivencio o sono incontrolável após o almoço e que me fazia, junto com os amigos, procurar uma sala desocupada para tirar uma soneca, o Jaleco nesse momento ficava na mesa para apoiar a cabeça, colocar o papo em dia, e ainda mesmo estudar. O Jaleco tem amizades!

E ao final da tarde, depois de um longo dia, e um por do sol incrível, o Jaleco ia para a bolsa. “- Ahh esse por do sol maravilhoso! O agradecimento de um dia e a esperança de um novo amanhecer!” E ali dentro da bolsa o Jaleco me perturbava, dando volume juntos aos livros e cadernos, o caminho inteiro, no ônibus lotado, até a chegada em casa. E finalmente poder tirá-lo e separá-lo para o outro dia. “- Que bom chegar em casa e rever todos! O jantar pronto! E poder compartilhar cada emoção desse dia vivido!” O Jaleco tem saudades!

O Jaleco foi peça fundamental em muitas fotografias da turma e dos amigos mais próximos do início ao fim da faculdade. O Jaleco também me desloca para o fim desses quatro anos e meio e me leva à conclusão do curso de Biologia, o dia de fotos no estúdio, a formatura. E que hoje está registrado no álbum.

O Jaleco é elo, é amizade, tem gosto, tem cheiro, é além do corpo, das fotos, das lembranças... O Jaleco é um devir, é desterritorializar¹⁰ o meu diploma de

¹⁰“Todo agenciamento implica estilos de enunciação. Implica territórios, cada um com seu território, há territórios. Mesmo numa sala, escolhemos um território. Entro numa sala que não conheço, procuro o território, lugar onde me sentirei melhor. E há processos que devemos chamar de desterritorialização, o modo como saímos do território.” (DELEUZE, 1988-1989)

bióloga e professora, é retirar as camadas da minha formação, do meu ser e sentir, é fazer rizomas com meus professores, meus amigos, livros, autores, e meus alunos.



O encontro com o jaleco e os outros encontros por ele proporcionado produzem novas inquietações, outros discursos e resistências. Aqui, o jaleco pode ser tratado também como objeto discursivo, que desloca e provoca discussões históricas de sua emergência e existência como artefato de subjetivação e transformação.

Foucault (2012) nos ajuda a pensar sobre o objeto e em como este pode se constituir em um objeto de discurso:

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa "dizer alguma coisa" e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação [...] (FOUCAULT, 2012, p. 50).

Nesse sentido a ideia é converter o olhar para o objeto, nesse caso o jaleco, e se pensar na sua potência enunciativa sobre o 'ser professor', a individualidade e a superioridade daquele que o veste, a sexualidade e a docência.

O jaleco carrega consigo muitas histórias da formação do professor de Ciências e Biologia. Principalmente em decorrência da Segunda Guerra Mundial, pois a ciência e a tecnologia transformaram-se em empreendimento socioeconômico, acumulando uma bagagem histórico-cultural, que reflete nos currículos, influencia nas escolhas e ecoa na sociedade discursos sobre profissão e a formação do professor.

O texto de Luciane Rodrigues e Sílvia Chaves (2016) problematiza o processo de construção do jaleco como artefato utilizado nas aulas de ciência/biologia e discutem suas relações de poder. É enunciado no texto as relações de poder originalmente nas escolas confessionais, onde o jaleco seria como a capa do professor afim de esconder o corpo e não suscitar a sexualidade e seus objetos de curiosidade.

Em outras épocas, o jaleco como objeto da igreja, usado pelos sacerdotes como “túnica”, refletindo um corpo cuja sexualidade deve dar lugar a santidade. E o jaleco da ciência, a veste dos cientistas nos laboratórios, hospitais, farmácias que é dito como ferramenta de proteção contra patologias. Nesse contexto sua função também produz discursos na docência, pois esse acessório agrega status de autoridade e verdade a quem o veste, e por isso se tornou um símbolo da ciência.

O encontro com o jaleco possibilita conexões para ir além, voar e desviar, liberando a professora do poder imposto pela ciência, desfazendo verdades absolutas, desconstruindo a ideia de um sujeito que está por trás, que veste o jaleco, ou mesmo roupas que mostram ou que determina quem a professora é, como ela deve ser. O jaleco é potencialmente coberto de sentidos e sensações, e os seus desdobramentos podem construir, destruir e reconstruir novos encontros.

Quando olhamos o jaleco sob outro olhar, voando em meio a água e a terra, sem forma, sem identificação, em um espaço que não seja um laboratório, hospital ou sala de aula, entramos devir. “Algo só é experimentado, só consiste, no sentido forte, quando posto numa perspectiva que desloca os pontos de vista fazendo com que eles se retomem desigualmente uns nos outros” (ZOURABICHVILI, 2016, p.150). O jaleco permite essa e tantas outras conexões quando fabulamos, fotografamos, deslocamos, deslizamos.

Segundo Zourabichvili (2016) devir intenso, ou imperceptível é realmente isso, “condensar as épocas sucessivas, as linhas simultâneas, as possibilidades sentidas na síntese disjuntiva de um só e mesmo acontecimento, no sistema aberto e ressoante da vida” (p. 140).

São nas linhas do poder, da liberdade, dos afetos, do devir que o jaleco ganha outras formas, muda de natureza e emerge discursos que dizem sobre uma docência múltipla, que não ressoa apenas no ambiente escolar ou nas instituições formais de ensino, mas uma docência que vaza, que extrapola muros e paredes, que vai pra água, pra terra, pra outros espaços e inventam outros modos de viver, de sentir, de afetar, docências.

O frescor, a liberdade, as relações de poder, a faculdade, a professora, o jaleco, produzem inquietações, modificações, pensamentos diferentes na forma de ver as coisas e os acontecimentos, abrindo possibilidades para o devir, a criação, e reinvenção na docência.

O jaleco serve para mim, para você, conta um eu e outros, desestabiliza e provoca fissuras nas certezas que envolvem os discursos e cria visibilidades às diferenças, nos acontecimentos.



Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

(Fernando Pessoa, 2006)

Cartão postal e museus

Belo Horizonte nunca foi uma cidade desconhecida pra mim, desde a minha primeira viagem pra lá cheguei e senti como se estivesse em um lugar sempre conhecido, um lugar que por si só conta e inspira histórias, promove e incentiva o encontro, as relações e a aprendizagem.

Os postais de BH, e os guias dos museus que visitei me faz viajar sempre e sem precisar sair de casa, pra cada lugar, pra cada museu, me faz encontrar com os amigos da época e com os conhecidos que fiz em cada espaço, mexe com os meus sentidos, e mesmo vivendo em lugar bem distante, sei que há uma ligação que me aproxima de BH.

Quando pego esses postais o primeiro lugar que vou é para o aeroporto de Uberlândia, na minha primeira viagem sem a minha mãe, e sem ninguém da família, foi a primeira viagem na época da graduação, e a mistura de ansiedade, medo, emoção, saudades me confundiam nesse momento. E eu ali parada, sem atitudes, não conseguia me conter e segurar tanta emoção. Às vezes a vontade de largar tudo, e voltar pra minha casa falava tão forte, que meus olhos enchiam de lágrimas, ao mesmo tempo a vontade, o desejo de viver novas experiências me prendiam e me encorajava a voar.

Dessa viagem retorno também a minha primeira apresentação de trabalho em um congresso. Nesse momento a ansiedade e o nervosismo eram tantos que minutos antes precisei sair da sala, respirar e refletir porque tinha que viver essa experiência angustiante, porque passar por tantas aprovações e opiniões diferentes sobre minha pesquisa, se eu ia agradar, se eu ia conseguir...E aí a vontade de ir embora mais uma vez me evadiu o peito! E eu só pensava em quando era criança e não precisava sair dos braços da minha mãe, um laço eterno.

Passado esse momento chega à esperada apresentação e mesmo que inicialmente tomada por incertezas e nervosismo, ela fluiu na certeza e na dedicação com que trabalhei na pesquisa e que ficou refletido durante a minha fala. O sentimento de finalizar e ouvir os comentários depois são inestimáveis, afinal, eu fui ouvida e reconhecida, eu levei minha pesquisa pequena, no espaço do Museu de Biodiversidade do Cerrado, da UFU, para outro lugar, para outras pessoas. Após essa experiência, a alegria de falar em público, de contar sobre os trabalhos que fiz, sempre reflete toda a dedicação e todo o sentimento em que trabalhei e pesquisei cada detalhe.

Volto à primeira feira de livros, a surpresa e a vontade de levar cada um pra casa. O desejo de ler e desvendar esse mundo novo que descobri e que queria continuar vivendo. Tenho esses livros até hoje e mais pra frente descrevo um

deles, como atravessou fortemente, durante a graduação, minha formação de professora e minha finalização do curso que resultou na monografia. De toda essa alegria e esse prazer que a viagem me proporcionou o sentimento de volta pra casa e de vários retornos a BH não deixavam de pulsar em meu coração.

Quando não posso retornar a BH, pego cada postal, cada guia e vou vivendo todo esse devir-BH, devir-professora que há em mim. Começando pelo Inhotim¹¹, fico encanta com tanta beleza e significados que cada paisagem, cenário e exposição me proporcionam. Ir ao Inhotim é, ao mesmo tempo, ir a tantos outros lugares, ao passado, presente, as relações e aos sentimentos.

Os museus do Circuito Liberdade me levam a viver uma história, que nunca antes foi vivida ou sentida por mim, mas que em cada objeto, em cada interação, o mergulho nesse mundo não é mais desconhecido como pensei e logo descubro o sentimento de saudade, saudade daquilo que não vivi e não senti.

A Lagoa da Pampulha e a igreja de São Francisco é um lugar onde encontro com meu avô, nunca vivemos e nem andamos juntos naquele local, mas vivo e encontro com a fé em que ele me apresentou um dia. A beleza e a simplicidade desse local é a forma pela qual ele me ensinou e deixou comigo cada ensinamento religioso, e que carrego e que me inspira em muitos momentos.

¹¹ Instituto Inhotim, localizado em Brumadinho- MG.

Todos esses afectos me proporcionaram uma formação acadêmica singular, me acalma e me coloca num constante devir. Muitos são os fatores e os blocos de perceptos que vão compondo e reinventado elementos à nossa prática pedagógica, às opiniões, tomadas de decisão, e à personalidade.



Heceidades de BH só existem porque estão repletas de encontros, e de devires em multiplicidades. Essa cidade é um dos lugares para onde me desloco com a possibilidade de inventar caminhos, de produzir novas aprendizagens e que estão presentes na minha forma de ensinar, de contar, de encantar e de me relacionar com o mundo. Os cartões postais dos museus de BH nos provoca um constante devir, devir por viagens, devir por museus, devir- professora.

Viver o curso de Biologia me proporcionou a oportunidade de visitar e conhecer diferentes espaços de formação do professor, através de viagens, visita aos Museus de BH, e disciplinas voltadas à educação, como em projetos de estágio e extensão, sempre com o intuito de apresentar a nós, futuros biólogos e professores, um novo olhar sobre esses espaços não formais de ensino bem como suas pluralidades de se conservar e transmitir a ciência e a história cultural de uma civilização.

Junto à formação em Biologia vivi como graduanda a iniciação científica, que foi uma marca importante, pois me trouxe a oportunidade de conhecer a pesquisa em educação, principalmente àquelas que consideram outros espaços formativos, além da escola. Durante essa pesquisa, pude reconhecer que existem outros espaços em potencial que contribuem para o ensino e formação de

um cidadão, compreendi o papel de um pesquisador aliado às metodologias, instrumentos e objetos de trabalho, exercitei a elaboração de uma escrita científica e vivenciei o público do Museu de Biodiversidade do Cerrado em Uberlândia-MG, seja com os escolares ou com o público espontâneo.

Muito além dos resultados qualitativos e quantitativos da minha iniciação científica sobre o público do Museu, foram as contribuições e provocações que esse trabalho me proporcionou enquanto aluna-professora-pesquisadora. A iniciação científica me suscitou alguns questionamentos, tais como: como ocorre a relação entre conceitos de ciências e a visita ao Museu? Como os professores se apropriam desse local? Como é o diálogo e a interação dos visitantes com a exposição? Tais questionamentos me envolveram na área da Educação na qual permaneço até hoje, proporcionando pesquisas e propulsionando investigações.

A minha aproximação com museus se iniciou a partir do encontro com o Museu de Biodiversidade do Cerrado, que foi único e singular. O encontro inicialmente foi entre a aluna e o espaço de educação não formal, e se estendeu entre aluna, pesquisadora, visitantes, histórias, afectos e perceptos entremeados nesse lugar, com o desejo de voltar mais vezes, de rever as pessoas, e recontar as histórias. É importante trazer o conceito de perceptos de Deleuze para esse trabalho,

pois ele difere de percepções, vai além do que os olhos podem ver, mas com as palavras buscam provocar:

Porque perceptos não são percepções. O que é que busca um homem de Letras, um escritor ou um romancista? Acho que ele quer poder construir conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem. O percepto é isso. É um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente (DELEUZE, 1988-1989).

Os museus são locais de criação, independentemente de sua constituição tem o potencial de vibrar em ressonância com situações da vida sem necessariamente significá-las. Através da “utilização de diferentes linguagens na organização das exposições podem desestabilizar questões relativas ao real, ao virtual, ao imaginário e ao subjetivo” (AMORIM e MARANDINO, 2013).

[...] são capazes de tratar de aspectos das ciências e tecnologias que exigem outros tipos de racionalidades que não são capturadas pelo texto escrito, pela palavra oral e pelo roteiro único e linear de caminhos pela exposição. Interatividades que exigem o diálogo com um campo das sensibilidades e das subjetividades do público. (p.3070)

Embora o Museu de Biodiversidade do Cerrado não seja um museu de arte, a sua potência criadora é presente e ativa materializadas nos objetos de exposição, nas relações ali estabelecidas, nos afectos e nos movimentos de vida que o cercam.

Buscando outras formas de apresentação e potenciais de interação de um museu, podemos considerar uma visita ao museu na ordem do acontecimento. A partir do acontecimento, ou seja, da visita a uma exposição, emerge um novo pensamento, novas paisagens, que nas intensidades dos encontros revelam novos emaranhados, inundando um devir-ilimitado.

Em Deleuze (2003) “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”. O acontecimento é mais que um encontro entre corpos, é o não dito, aquilo que pertence à ordem do incorpóreo.

Essas narrativas transformam-se em conversações, cada história vivida e contada pode ser imaginada. Em ação, na educação, conversações, imaginação, encontros e imagens reverberam brechas do dia a dia, dos alunos, da escola, do ensino, da formação evidenciando um professor sempre à espreita, à espera de um inesperado que dá “significação ao silêncio e voz àqueles que são os outros” (Vilela, 2000, p. 52).

Segundo Vaz (2017) em sua pesquisa sobre devir na cidade, a cidade não é o espaço de onde se extrai aprendizagens, aquelas que podem ser medidas, contabilizadas, descritas pela ciência, mas “Nos percursos que realizamos pelas cidades há sempre visualidades que vão nos interpelando,

nos fazendo movimentar devires entre lugares, nos provocando estranhamentos e familiaridades ao passo que se tornam cotidiano.” (VAZ, 2017, p.1).

Nesse sentido a autora experimenta olhar e viver os lugares da cidade de formas diferentes em que ela chama de insistências, através de conversas e intervenções. Insistências são as visualidades produzidas ao conversar com outras pessoas, os moradores, por exemplo, que despertam para algo ainda não visto e não pensado pela pesquisadora. Já as intervenções, em seu trabalho, são as imagens impressas e as conversas com os moradores.

Toda essa pesquisa e esse trabalho sobre o devir-cidade (Vaz, 2017) abre espaço para essa nova relação com a aprendizagem, que não seja somente aquela concebida por conceitos e conteúdo de disciplinas específicas, como ciências e biologia, mas que ao mesmo tempo propõe e possibilita um novo professor, o professor da diferença.

O professor da diferença segundo Corazza (2012) é o professor que está no plano do devir, em constante movimento, um plano que não para, que é criação e proliferação. Esses professores “a cada repetição, produzem a diferença pura” (p. 5). Um professor da diferença acredita nas diferenças singulares do tornar-se, do viver e pensar professor.

Sentir e pensar de outro modo os encontros são próprios de um devir-professor. O encontro não se esgota nele mesmo, traz consigo uma experiência complexa do sentir, imaginar, pensar, no aqui e agora, no presente em que se vive como descreve Orlandi (2014):

[...] suponhamos que eu, neste aqui e agora, neste atual presente em que vivo, esteja saboreando a qualidade sensível deste gostoso e leve bolinho chamado madalena, como aquela de Proust, por exemplo; e suponhamos que, como Proust, esse encontro gustativo com a madalena desencadeie em mim uma alegria tão singularmente intensa que não posso atribuí-la apenas a isto que me foi dado neste encontro, a esta qualidade sensível do bolinho na minha boca; assim como não posso explicá-la recorrendo a lembranças do vivido por mim no passado. Por quê? Porque essa intensa alegria, que só pode ser sentida, abre-me a estados aos quais sou involuntariamente lançado; impõe-me atmosferas que transbordam situações vividas; abre-me a virtualidades que insistem naquilo que me foi dado no encontro, mas que não aparecem no próprio dado (p.8).

Pensar o encontro nessa perspectiva é se colocar sob a atmosfera do que transborda, do que atravessa. Hecceidades. Há nesses encontros algo que transpassam a linha do sentir, a intensidade das sensações, que escapa as ligações cognitivas, e que se passa num instante flutuante entre passado e futuro ao mesmo tempo.

Inspirada em Deleuze, trago mais um devir para esse encontro, o devir-nômade. Em o Abecedário de A a Z (1997) Deleuze deixa muito claro a sua relação com as viagens, já de idade e

abatido pelo cansaço, o autor expõe sua insatisfação ao ter que realizar viagens como intelectual, para colóquios, mesas redondas e congressos. Para ele esse ritmo de viagens, de falar em público em palestras sempre foi cansativo e desgastante.

No entanto, destaca a frase de Proust que pergunta o que fazemos quando viajamos:

Sempre verificamos algo. Verificamos se aquela cor com que sonhamos está ali. Mas ele acrescenta algo muito importante: “Um mau sonhador é aquele que não vai ver se a cor com a qual sonhou está lá. Mas um bom sonhador vai verificar, ver se a cor está lá” (Deleuze, 1997, p. 102)

Os nômades sempre fascinaram a filosofia de Deleuze, pois em seu ponto de vista eles não querem sair de suas terras, mas são obrigados porque em alguns momentos tudo ali vira deserto então só tem a alternativa de “nomadizar” em suas terras. É pelo desejo de ficar em suas terras que eles “nomadizam”. Segundo Deleuze, “Eles são nômades porque não querem partir” (1997, p.102).

Tornar-se nômade, devir-nômade é necessário no (des)caminhar. A viagem prescinde de movimento e de espaço, viaja-se também sem sair do lugar, como os nômades. As viagens possibilitam os encontros, construir (des)construir territórios, olhar o deserto de outro modos e até

encará-lo como moradia transitória. Viaja-se com a música, com a arte, com a literatura, com a escrita. O (des)caminho docente será permeado por devir-nômade-permanente.

E o que transborda da viagem a BH? O que um professor carrega dos museus, dos passeios, e de outras viagens para o seu reinventar docente? Hecceidades! As hecceidades são também possibilidades de modos de existência, de estilo de vida, que foge ao indivíduo, ao espaço e ao tempo, ora superpõem, sucedem, afetam, montando e desmontando uma vida de criação, um devir-professora, um devir-nômade.



E o segredo é estar disponível para que outras lógicas nos habitem, é visitarmos e sermos visitados por outras sensibilidades.
(Mia Couto)¹²

Coletânea do Pibid

Ao abrir a Coletânea do Pibid, volto à escola onde trabalhei nesse projeto, abro o laboratório que se tornou um depósito de livros e objetos não mais utilizados, sinto aquele cheiro de poeira e mofo, e escuto o barulho do ventilador velho. Pego o banco empoeirado e ali sento e começo o meu relatório do dia. Nesse momento vem até mim alguns alunos, pra conversar, tirar dúvidas, pedir

¹² Mia Couto é um escritor e biólogo moçambicano.

orientações, e compartilhar os anseios da difícil fase de escolha do curso de graduação, ou seja, os medos e as expectativas da transição entre ensino médio e ensino superior.

Rapidamente me vejo em cada relato, vivo o cansaço das exaustivas horas de estudos divididas entre escola e cursinho, e ainda tenho aquela mesma sensação de que quanto mais estudo, menos acumulo em sabedoria, e a incerteza de passar ou não no processo seletivo para o ingresso ao ensino superior. Nesse momento sou atravessada pelos sentimentos dos meus pais, que ao mesmo de tempo em que cobravam e esperavam demais, não podiam estar presentes pelas longas horas de trabalho.

A coletânea traz afectos dos professores, e me desloca pra sala de professores da escola do projeto. Muita conversa e muitos assuntos em poucos minutos de encontro. Além de um momento de lanche, acabava sendo um ponto de encontro de desabafos, reclamações, elogio, tudo de forma muito intensa e momentânea. E eu ali, nem aluna e nem professora, vivendo um período de difícil aceitação da minha futura profissão.

A estrutura da escola e os sentimentos vividos por trás de cada dificuldade é infinito, as salas apertadas, mal ventiladas, as carteiras quebradas, a falta de acessibilidade, são confundidos pelas amizades entre as pessoas que convivem, pela intensidade dos acontecimentos, pelo envolvimento dos alunos no

protestar contra o corte de uma árvore centenária, pela alegria da feira cultural, pelas festas de formatura e pelos encontros que ali vivi.

Entre as páginas dessa coletânea além de atividades e projetos desenvolvidos, estão escritas também sobre as reuniões, as discussões de artigos, as experiências emocionais tanto no sentido profissional como pessoal, os choros, as brigas, as confraternizações e que se tornaram referência para o meu ser professora hoje, reafirmando a docência.

Por trás há também todo um trabalho em grupo, de divisão de tarefas, que sempre foram as maiores dificuldades. Conciliar opiniões, horários, sugestões, falas, e organização das atividades, tem sido um exercício muito difícil, mas que se mostra gratificante e que arrasta consigo a importância e o desenvolvimento da ideia, de um rizoma.

O Pibid Biologia e a organização dessa coletânea me fazem viver a cada nova leitura e a cada novo olhar sobre eles, novas experiências e desafios. Revivo acontecimento de vida e na relação de ser professor, aspectos estes que talvez nunca pudesse experimentar em outros momentos, ou mesmo no estágio, pela falta de tempo, contato e vivência no cotidiano e nas relações da escola.

Entre toda essa coletânea, os atravessamentos e as relações pessoais que estabeleci contribuí a cada nova leitura de forma incalculável para o meu

crescimento como pessoa e profissional. Ainda posso escutar as histórias e as vozes nas conversas informais e desabafos do dia a dia. Aprendizagem que está por trás e atravessada durante toda essa coletânea.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência -Pibid - é a conexão aqui presente, a possibilidade de rizoma, impulsionada por essa potencialidade que constituiu o caminhar nesse programa, o desenvolvimento das relações, os diferentes personagens, se entremeiam nesse emaranhando de linhas que se conectam e que fazem parte de um plano maior, imanência.

Nesse percurso também fui atravessada pelo Pibid Biologia que com vários projetos e atividades me permitiu, em um grupo de colegas e professores, concretizar ações na escola, bem como estreitar a relação entre licenciandos, professores e alunos. Os movimentos que o Pibid provocou perduraram em marcas na minha formação e na de outros professores, fazendo brotar multiplicidades dos acontecimentos e discussões nas atividades cotidianas na escola. Emergindo das atividades, provocações sobre a potência e a capacidade de desterritorializar a educação, a

sociedade, a política, a escola. Reverberando ideias, práticas, ações e modos de vida que conseguissem ultrapassar as estruturas postas e criar pensamentos resistentes.

Durante o ano, realizamos a Feira de Profissões na escola, elaboramos e executamos Murais informativos sobre o Pibid Biologia, realizamos uma visita ao Museu dos Dinossauros em Uberaba-MG com os alunos das escolas de ensino médio parceiras do programa, escrevemos e enviamos artigos para eventos de Educação. Viajamos para Belo Horizonte-MG, acompanhamos as atividades docentes, reuniões semanais e quinzenais na escola, e escrevemos em conjunto artigos e relatórios para compor uma coletânea sobre o Pibid Biologia. Diversas atividades planejadas, mas entremeadas de afetos que permeiam a formação do professor.

A participação nesse projeto e suas atividades foram essenciais para o reconhecimento da escola como meu espaço de trabalho, possibilitando um plano de composição que segundo Deleuze (1992) são modos de individuação como professora.

Entre planos, artigos, relatórios, atividades e estudos, as relações pessoais que estabeleci são marcas maiores, constantes, que se abrem e fecham, fazem e desfazem, contribuem de uma forma incalculável para o meu crescimento como pessoa e profissional. Pela troca de experiência,

conversas informais e do cotidiano, aprendi em grupo a importância de ser uma professora-pesquisadora, que não vive sozinha e nem alheia à sociedade atual.

A monografia foi à concretização de um longo período, nesse trabalho continuei com a pesquisa no Museu de Biodiversidade do Cerrado, dessa vez investigando os aspectos significativos relativos à visita ao Museu. Como resultado desse trabalho, apresentei as particularidades relacionadas à interação visitante-exposição, a importância do professor na formação dos alunos, e a relevância da metodologia da lembrança estimulada como uma ferramenta de investigação de caráter qualitativo.

Aliado às marcas desse percurso o meu ‘ser professora’ da educação básica da rede pública de Uberlândia-MG foi se constituindo e o que seria o fim dessa história se tornou um grande recomeço. O que seriam respostas, agora se tornam novos questionamentos. Além dos devires provocados durante o exercício do ensinar, esse momento me despertou o desejo de continuar as pesquisas na educação e escolher o Mestrado. Para Corazza (2008a, p.91) o docente a partir da Filosofia da diferença é como o “Extrator de partículas, atravessa os limiares do sujeito, formas e funções.

Estuda, aprende, ensina, compõe, canta, lê, escreve, pesquisa, apenas com o objetivo de desencadear devires.”

Todas essas marcas fizeram parte do meu viver escola e ser professora, compondo ou não as lacunas deixadas, proporcionando ou não possibilidades do saber, estimulando ou não outros olhares sobre ser professora, sobre os conteúdos técnicos, biológicos e memorizados que tradicionalmente se repetia, instigando ou não a criatividade através das ferramentas utilizadas nesses espaços como forma de inspiração para as aulas na escola.

‘Ser professora’?



É melhor ser
alegre que ser
triste

Alegria é a melhor
coisa que existe

(Vinícius de
Moraes)



O giz e o apagador

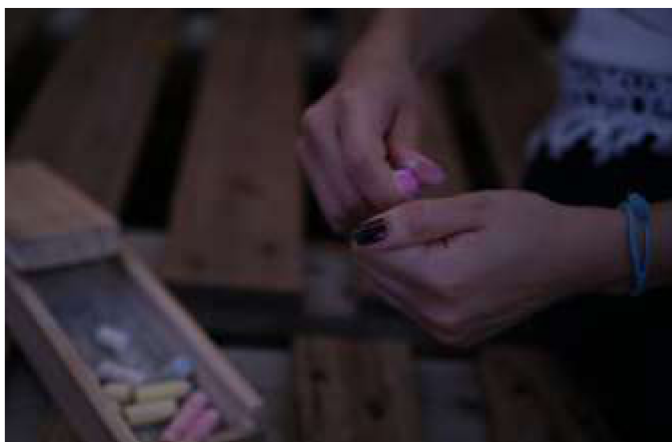
O colorido dos meus gizos representa a alegria da minha profissão. Cada cor, verde, amarelo, azul, rosa, roxo, alaranjado, branco, cores quentes ou cores frias, cada uma representa meus dias como professora e os momentos que vivi na escola. Meu estojo é daqueles de formato antigo, de madeira ainda, os mesmos estojos que meus professores usavam, pois lá na escola o quadro ainda era aquele tradicional.

Enfim, quando olho o meu estojo de giz: primeiro momento, de segurar no giz e ir ao quadro, inicialmente aquela letra feia, meio trêmula, com muitas tentativas de escrever e apagar logo em seguida. Mas que reverberam no meu caminhar nessa profissão: angústias, alegrias, incertezas.

Pra mim, a minha letra era péssima assim como meu desempenho como professora. Na primeira semana de aula, a minha vontade de chorar era imensa, e a única coisa que se passava em minha cabeça era a escolha de outra profissão, pois considerava tamanha a minha incapacidade ser professora, de dar aulas e lidar com o emocional naquele ambiente. Lembro-me das dores de coluna na região lombar e pensava: - Como pode eu nunca senti dor na coluna! E entre tantos momentos de estresse, de trabalhos exaustivos, conversas-encontros com outros professores, e leituras sobre professores iniciantes fui

entendendo que não havia como separar a professora de mim, de voltar para casa e deixar a professora na escola. O eu professora estava em mim.

Todas as dificuldades encontradas nesses momentos me faziam refletir se era realmente esse o meu lugar, o que eu tinha pra ensinar aos meus alunos, como eu ia incorporar essa forma de professora e me questionar se essa era a verdadeira identidade do professor que tanto almejava.



Quando eu era criança, por volta dos sete anos de idade, meu sonho era ser professora, tinha em casa um quadro negro feito de uma tampa de barril de água, gizes comprados pelos meus avós, e o material feito de cadernos antigos do ano escolar anterior. Meus alunos era o meu irmão mais

novo e às vezes um primo, as aulas eram no quintal da casa da vó, tampa do barril apoiada na parede imitava o quadro e os meninos se sentavam no chão. Assim eu me fazia professora, falante, alegre e realizada.

Passávamos longas horas do dia assim, o cansaço dos alunos, meu irmão e meu primo, encerravam a brincadeira e era chegada a hora da aula terminar. Mas eu, a professora, já não me hesitava em marcar a próxima aula, o próximo encontro. O desejo de criar esse cenário novamente, de sentir os movimentos e a intensidade no corpo, de quem desejava ser professora, é crucial para se criar novas linhas de desejo que se abrem nessa dissertação.

É necessário sair do visível, do que os nossos olhos podem ver, e ir para o indispensável: se desprender do visível, do que está escancarado, abrir o corpo e percorrer as linhas que fazem o coração pulsar, acelerar e bater mais forte.

Talvez o desejo de apreciar novamente o que, em outros momentos, trouxe alegria seja mais comum do que o suposto. Um amante que se sente contente, e se considera um justificado afortunado em um determinado encontro, provavelmente planejará outros encontros no mesmo bar, servindo o mesmo vinho, usando a mesma camisa listrada, e, não raramente, se entristecerá ao notar que o encontro nunca se sucede como o desejado, ou como outrora. Spinoza sabia disso, e escreveu na *Ética* (FERNANDES, 2013, p. 100).

Espinosa (2010) já nos diz que os encontros entre corpos podem ser um bom-encontro ou um mau-encontro, dependendo das relações que podem compor e se alteram a capacidade de agir. Um afeto de alegria, por exemplo, vem de um bom-encontro e acontece quando essa afecção eleva a potência de agir no mundo “a alegria é um afeto pelo qual a potência de agir do corpo é aumentada ou estimulada” e acontece quando encontramos outro corpo que combina com o nosso.

Um corpo quer sempre produzir afecções por alegrias, o professor necessita ser preenchido por ativas afecções que aumentam sua potência de ação, Corazza (2008b) já nos alerta que “Não é preciso ser triste para ser professor, mesmo se o que ocasiona nossa tristeza é abominável. Já atravessamos várias vezes, o Aqueronte¹³ da nossa profissão, passamos sofrimentos inacreditáveis, tivemos vertigens, adoecemos”.

No acaso dos encontros é comum sermos afetados por tristezas, e daí surge um mau-encontro e significa que uma relação não se compõe. “As afecções à base de tristeza se encadeiam, portanto,

¹³ O rio mitológico Aqueronte localiza-se no Epiro, região do noroeste da Grécia. O nome rio pode ser traduzido como "rio do infortúnio". Segundo a mitologia após a morte, a alma era levada de barco pelo Caronte, deixando no Rio Aqueronte todos os sonhos, desejos e deveres que não foram realizados em vida (Fonte: <https://www.infoescola.com/mitologia/mitologia-grega/>).

umas nas outras e preenchem nosso poder de ser afetado. Elas o fazem, porém, de tal maneira que nossa potência de agir diminui cada vez mais e tende para seu mais baixo grau” (DELEUZE, 2017). Um mau-encontro, portanto, desencadeia uma afecção de tristeza que diminui a potência de agir, afectar e ser afectado.

“Professoras que cintilam, vibram, viajam, mesmo permanecendo onde sempre estiveram ao preencher e efetuar a potência de educar, de nome Alegria” (CORAZZA, 2008b). Por todos esses motivos precisamos nos armar dos bons encontros, alegres somos mais fortes, aumentamos nossa potência de agir sobre a realidade, sobre os (des)caminhos de um devir-professor e pensar em atitudes mais leves, alegres e inventivas.

Nessa busca pelo que é melhor, estamos sempre sendo modificados pelos encontros. A vida está a todo o momento nos preenchendo com os sorrisos e as alegrias dos bons encontros, ou com a tristeza de um mau encontro. Dessa forma não permanecemos intactos, somos necessariamente modificados pelos corpos em nossa volta, em que também modificamos. Nas palavras de Fernandes:

Tudo passa, as horas passam, os tempos de escola passam, o desejo de ter um filho passa. E tanta coisa se passa nas relações. Pode ocorrer de a relação — que, outrora,

fazia o corpo sorrir, se expandir, criar e desejar — transformar-se em outra coisa, e, de repente, não configurar mais um bom encontro (FERNANDES, 2013, p.101).

Com relação ao desejo, Rafael Trindade (2013) traz uma definição muito interessante da origem desta palavra:

O verbo desidero vem da palavra sidero, que significa “relativo aos astros”, ou também “conjunto de estrelas” (ex: espaço sideral). Sendo assim, de-sidero significa “ignorar as estrelas”, ou também, “deixar de ver as estrelas”, em seu sentido astrológico. Se as estrelas na antiguidade eram o elo de ligação entre os homens e os deuses então desejar significa ficar à deriva, à mercê, nas rodas da fortuna, deixar de guiar-se pelas mensagens divinas (p.1).

Por esta origem da palavra muitos pensadores interpretam o desejo como a falta de algo, carência, ou seja, um vazio ao qual se procura preencher. Espinosa e Deleuze, posteriormente, vem pra mudar a perspectiva do desejo, retirar a ideia ruim ligada ao imaginário e ao ser incompleto. Espinosa em *Ética* afirma justamente o contrário: “O desejo é a própria natureza ou essência de cada um. Portanto, o desejo de um indivíduo discrepa do desejo de um outro, tanto quanto a natureza ou a essência de um difere da essência do outro (p. 69)”. Dessa forma não agimos pela

vontade própria, mas sim pela necessidade do desejo que existe em nós. O desejo é a nossa essência e causa eficiente das nossas ações.

Devir-professora em seu (des)caminho é dar passagem a essas linhas de desejo pelo corpo e pela mente. Tornar-se professora sair do imaginário e ir para o real, pois o desejo é real, é revolucionário, e nós somos máquinas desejanças.

Em o Abecedário de Deleuze (1997, p.19) entendemos o desejo como uma fábrica de novos arranjos, de novas formas, “desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto.” O corpo se abre a esses arranjos, as essas novas conformações, se forma na multiplicidade do desejo que é real, que nunca se satisfaz, sempre se transforma, em um movimento aberto.

O encontro com o giz e o apagador transborda multiplicidades afetivas, revelam os movimentos de um corpo que caminha e (des)caminha por entre linhas de desejo, e linhas de fuga. Por entre o giz e o apagador atravessam forças, angústias, alegrias, em resistir ou insistir.

O giz quebrado, o giz na água, como mostra a imagem que inicia essa seção é o movimento, a resposta desse e de outros corpos a partir de um encontro, é a fuga de uma zona de conforto, é a

deformação de um objeto antes representacional e prisional de um modo padrão docente para um encontro, e outro espaço que vai ganhando consistência por meio de experimentações.



*ensaiar acerca de aprender a olhar o
corpo sobre o sagrado instinto de não
ter teorias.*

*aprender a arte de mal-aprender, de
saber que aprender é pensar e pen-
sar é se divertir- pensar sozinho.*

ninguém se perde por não entender.

o corpo necessita de encontros. en-

contros com a língua, com os ouvidos, com a voz, com a subjetividade. aliás! língua, ouvidos, voz, subjetividade, também são corpos.

o corpo dentro de outro corpo. tudo está sendo ao mesmo tempo.

(Fábio Wosniak, 2016/17)

Caderno de Jaqueline

O encontro acontece quando eu e Jaqueline nos olhamos pela primeira vez, ela aluna e eu professora na escola.

Jaqueline sempre foi uma aluna pouco frequente, sentava no fundo próximo a parede, mas quando aparecia em minhas aulas era sempre evidente pelo seu jeito irreverente. Conduzia um grupo de meninas a se maquiar, perfumar, entrosar com os meninos da sala, trocar bilhetinhos, tudo principalmente durante a aula e as explicações do professor. Em alguns dias notando aquele comportamento exacerbado, de autoafirmação e ignorância a minha presença, me senti atravessada por tal situação e resolvi ter aquela conversa sincera, de olho no olho, pra tentar entender o que se passava com Jaqueline.

Chegando em sua carteira, não fui muito bem recebida, como de praxe, naquele momento estava abaixando a bola de Jaqueline e me colocando como autoridade naquele local. Olhando nos olhos vi ali uma menina muito carente de ser olhada nos olhos, abandonada de atenção, que não era vista por suas qualidades e que de alguma forma se fazia ser outra pessoa pra ser notada.

Ali ela não se admitia ser olhada, ser encontrada, e como esperado não aceitou a minha conversa, como de costume na sala de aula, naquele pouco tempo que temos ela foi retirada para a sala da supervisora. Não podia sentar com ela e largar os outros 39 alunos ali, não podia parar a aula pra conversar particular com nenhum aluno! É o sistema! E ele não permite alcançar o plano comum, não permite entender a diferença.

Como também eu não sou de ferro, no primeiro momento, a raiva me atravessou e a vontade de sumir com o problema, que naquele momento era a Jaqueline, foi maior. O meu desejo era não ter ela presente ali nas minhas aulas, como a história da fruta podre. Logo após a conversa com a supervisora, Jaqueline me encontrou no corredor , pediu desculpas, e tudo continuou. O estranho foi ver no olhar de Jaqueline um pedido de socorro: - Eu estou aqui! Me olha! Me ajuda!

Como todo professor leva muitas tarefas para casa, senti na pele o que era levar além de tarefas, sentimentos para casa. A história de Jaqueline me

atormetava, eu não sabia o que fazer, como professora, não sabia como lidar com aquela situação. Tudo se passou e a minha vontade era esquecer que ela existia, não podia ter mais um problema, a meio a tantos outros que surge na escola. A próxima aula na sala da Jaqueline já foi diferente, ela não estava ali, nem essa aula, nem a próxima, nem a outra, ela estava faltando e tudo aquilo me chamava atenção.

Na outra semana, já esquecido dos fatos ocorridos, entrei na sala e ali já fui recebida por Jaqueline na porta, ajudando a levar os meus materiais, com sua carteira na frente da sala, próxima a minha mesa. Assustei tamanha solicitude! E com a mudança de comportamento da aluna. Então, em um momento de tarefa em grupo tive a oportunidade de conversar com ela e conhecer um pouco de sua história.

Jaqueline tinha seus pais separados, morava com a mãe, padrasto e irmãos. Inicialmente me relatou o descaso do seu pai com ela, depois da separação simplesmente sumiu e não fez questão de vê-la, nem de ligar, ou mesmo no dia do seu aniversário, ela não aceitava tamanha rejeição por parte do seu pai. Depois me contou da relação com sua mãe, dizendo que morava com sua mãe mas não tinha nenhuma forma de amor ou carinho por parte dela, só brigavam e discutiam quando estavam juntas, porque a atenção era apenas a seus irmãos. E o padrasto da mesma forma, só cobrava e reclamava da sua

presença. Jaqueline me contou que sua vontade era sair de casa, pois qualquer lugar no mundo era melhor que aquele lugar que ela morava.

Naquele momento tudo foi se encaixando e fui entendendo que o comportamento de Jaqueline refletia a sua história de vida. E de um jeito humilde fui colocando qual era o meu papel de professora efêmero, mas que podia ser significativo naquele momento. Na hora tive a ideia de que ao invés de excluir ou simplesmente sumir com Jaqueline, e seus problemas, das minhas aulas eu ia fazer com que ela fosse especial, com que sua presença fosse notada.

A partir desse dia, senti a mudança e a dedicação de Jaqueline em minhas aulas, percebi a sua habilidade para desenhos, para organização e para liderança. Então a medida que foi passando os dias ela me ajudava com desenhos sobre o conteúdo, confeccionando cartazes, na organização da sala em relação ao lixo espalhado no chão, a voz de comando quando precisava do envolvimento de todos. E assim os dias se passaram e Jaqueline cada vez mais apegada a mim.

Chegou o final do ano e se aproximando a minha despedida dos alunos e da escola. Percebia ali a tristeza da Jaqueline nas aulas e ao perguntá-la ela me confirmou que era devido a minha saída. Com conversas tentei mostrá-la que a melhor forma era continuar ser quem ela era e que apesar de não estarmos

mais juntas, eu aprendi muito com ela e ela comigo, então cada uma teria algo da outra sempre. No último dia de aula, ela mobilizou toda a turma a preparar uma festa de despedida muito especial, e que ficará guardada eternamente em meu coração.

E me entregou um presente: seu caderno de Ciências. Feito com muita dedicação e carinho. Para que eu me lembrasse sempre dela.

A história de Jaqueline como também de tantos outros alunos me faz enxergar que o papel de professor vai muito mais além de epistemologias e é muito mais afectos. Que todo o professor de verdade vai passar por um processo de desterritorialização, reterritorialização, desterritorialização, continuamente; que atuar na sala de aula é fazer rizoma, rizoma com minha história e outras tantas histórias de diferentes alunos. É um rizoma de vidas que se inter cruzam, e que produzem afectos, afectos esses que potencializam a nossa existência e o nosso pensar e ser professor.

Esse encontro novamente desperta Tim Ingold (2008) “Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano”, nesse texto o autor comenta sobre a forma que o conhecimento do mundo chega a nossa percepção, olhos e ouvidos, mas que mesmo assim ainda não percebemos a nossa

própria percepção. Seja no dia a dia, em casa, com as amizades, na faculdade, na sala de aula, só consideramos algo se isso alcança a nossa visão e a nossa audição.

O problema da percepção, então, diz respeito a como algo pode ser traduzido, ou “atravessar” de fora pra dentro, do macrocosmo do mundo para o microcosmo da mente. É por isso que a percepção visual e a auricular são descritas, usualmente, nos escritos dos filósofos e dos psicólogos, como processos de ver e ouvir (INGOLD, 2008, p. 3).

O que há na essência desse contexto é a prática de interromper uma atividade corporal (continuar andando) para iniciar outras (olhar e escutar), dessa forma a percepção se estabelece segundo Ingold (2008, p.2), de dentro para fora, mas “a percepção não é uma operação — dentro da cabeça, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo”.

Para desenvolver o seu argumento, o autor recorre a vários referenciais históricos para discutir os sentidos, a antropologia contemporânea e de comparação das culturas pelos sentidos através dos quais cada uma percebe a sua volta. Acredita que as ações não são resultados da conversão mental em movimentos do corpo, mas resultado de uma percepção. Sendo assim as gerações se superam pela educação da atenção.

Dessa maneira deslocamos a necessidade da percepção no percurso ‘ser professor’, que ao invés de ter suas capacidades evolutivas voltadas para as representações dos aspectos do mundo, tenham o centro da atenção em processos que ressoam com os de seu ambiente.

Jaqueline Moll (1995) também apresenta outras possibilidades de olhar e vivenciar os espaços e a educação:

[...] olhar outros olhares, outros sujeitos que compõem o cenário escolar: as cozinheiras, as serventes, os porteiros, os pais, além de nossos clássicos personagens (professores e alunos). As trajetórias discentes dos docentes [...] a sala de aula com suas múltiplas possibilidades de relações; a escola como um espaço educativo que transcende a própria sala de aula [...] o cotidiano extra-escolar como componente fundamental para compreender o cotidiano. Refazendo assim o lugar conceitual do próprio lócus-escola, desconstituindo-o do caráter universal e atemporal (MOLL, 1995, p. 10).

Olhar para o caderno de Jaqueline é exatamente isso, transcender a relação de professora-aluna e entender as múltiplas relações existentes entre nós, família, amigos, local onde vive e cotidiano fora da escola. Como professores, somos instantaneamente afetados por novos acontecimentos, reflexos dos contextos sociais, e ignorá-los seria contribuir por um mesmo que impera há anos e não supera as adversidades da educação.

Pelo objeto-dispositivo caderno de Jaqueline, pensamos mais uma vez na formação docente atravessada pelas multiplicidades, singularidades, liberdade, acolhimento. A liberdade, o acolhimento e o compartilhamento das experiências vividas são essenciais para a imanência de um devir-professor.

O caderno de Jaqueline é mais um encontro especial. Traz marcas e cicatrizes que tem o poder de desterritorializar os manuais de formação de professores, dos estágios vivenciados, dos planos de aula planejados. É um encontro vivido por tantos outros corpos em qualquer lugar, espaço e tempo. O (des)caminho do professor é necessário para repensar o encontro com Jaqueline, afetando e sendo afetado, é impossível separar o professor dos movimentos de (des) (res) construção do devir-professor-permanente.

Sobre a formação de professores convém destacar o que vem sendo tradicionalmente trabalhado nesse campo de acordo com a literatura e com Fernandes, Viana e Scareli (2016) no artigo “O espaço sempre inacabado do tornar-se professor: a construção do meio”. Em síntese a formação de professores no Brasil perpassa por dois momentos: a formação inicial e a formação continuada.

A formação inicial é aquela instituída nos cursos de licenciatura, quando o aluno se insere na graduação. E a formação continuada é aquela considerada complementar ao profissional que concluiu a licenciatura, podendo ser um curso, aperfeiçoamento ou pós-graduação.

A crítica que existe aí é a desconsideração de todo o processo de escolarização e vivência ao qual o aluno passou até o momento de entrar no curso superior. Segundo os autores, existe nesse campo um conjunto de estudiosos que defendem a construção de memórias, narrativas de sua vida escolar a fim de ressignificar posteriormente os movimentos da docência.

Nesse sentido novos estudos estão sendo realizados, novas pesquisas, e outros olhares sobre o professor. Pensar o professor atualmente é romper com as ideias dos momentos estanques e estabilizados em sua formação, é se abrir ao devir, ao rizoma, as linhas de desejo, que estão no meio, nas dobras, superficiais, na pele, sem cessar de construir e desconstruir nos encontros.

Destinado a pôr-se em contato com a infância e a adolescência, nas suas mais várias e incoerentes modalidades, tendo de compreender as inquietações da criança e do jovem, para bem os orientar e satisfazer sua vida, deve ser também um contínuo aperfeiçoamento, uma concentração permanente de energias que sirvam de base e assegurem a sua possibilidade, variando sobre si mesmo, chegar a apreender cada fenômeno circunstante, conciliando todos os desacordos aparentes, todas as variações humanas nessa visão total indispensável aos educadores.

E ter o coração para se emocionar diante de cada temperamento.

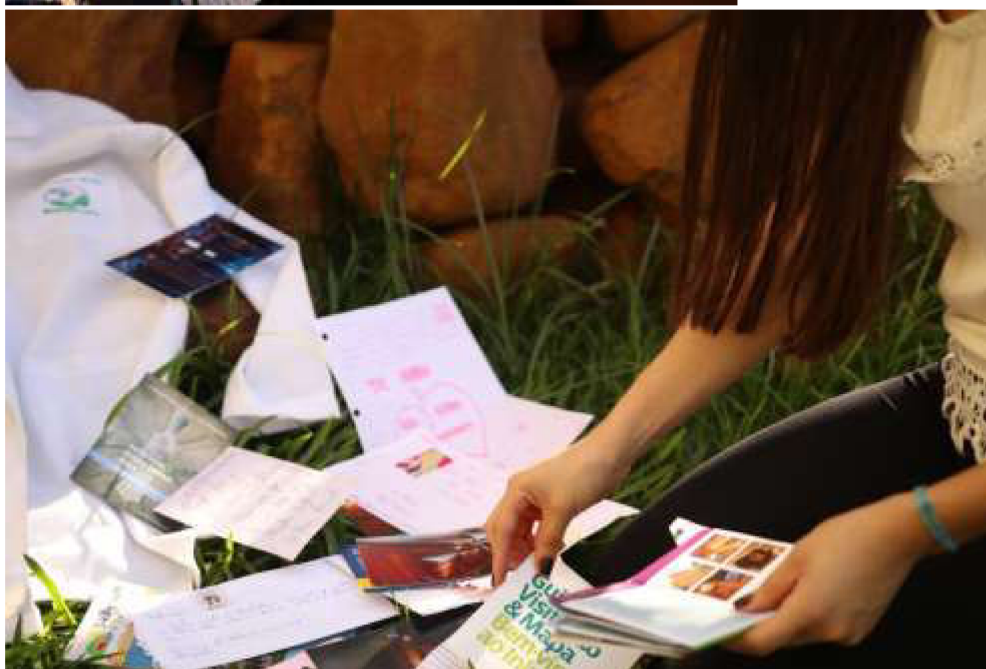
E ter imaginação para sugerir.

E ter conhecimentos para enriquecer os caminhos transitados.

E saber ir e vir em redor desse mistério que existe em cada criatura, fornecendo-lhe cores luminosas para se definir, vibratilidades ardentes para se manifestar, força profunda para se erguer até o máximo, sem vacilações nem perigos. “Saber ser poeta para inspirar”.

Trecho extraído do texto “Qualidades do professor” de Cecília Meireles, do livro Crônicas de Educação 3.

Para se construir e (des)construir professor é necessário ir além das didáticas, das pedagogias, é necessário “caçar-se a si mesmo” e buscar se expandir pelas diferenças e singularidades da docência.



*Escrever é como não haver
morrido.
Ao contrário: há demasiada
vida quando as palavras
recorrem aos lugares
abandonados,
As obscuras passagens onde o
corpo não passa, a impossível
clareza de uma tarde
quando ainda é
madrugada.*

(Carlos Skliar, 2016)

Cartas à professora

Em um daqueles dias em que me encontro indecisa e preocupada com meu futuro reviro os meus objetos e ali encontro muitas e muitas cartinhas dos meus alunos.

Quanta saudade! Eu me lembro de cada carinha e sensibilidade de cada um que me deu a carta, lembro-me do dia, das circunstâncias e dos momentos. Cada uma recheada com letras, desenhos, sonhos e sentimentos.

As cartas à professora não se fecham em si mesmas, revelam muito sobre os alunos, sobre a professora, sobre a família e a escola. As cartas são um convite para pensar sobre mim, sobre as relações, e os encontros.

Lembro-me bem de um dia exaustivo de aulas, assolada por uma gripe, cansaço e desassossego em ser professora em que recebo uma carta, cheia de esperança, de carinho, de alguém que se identifica e vê um eu entre tantos outros.

As cartas com seus desenhos, corações, casas, árvores e flores, são fragmentos que se vê, do que se lê, do que se ouve, são escritas feitas a partir de encontros entre professora e alunos, encontros entre corpos. Esses encontros produzem outros encontros, outras escritas e outras formas de pensamento que revelam o caminhar e o (des)caminhar de uma docência.

As palavras escritas em cada carta provocam um devir-professora, rizoma que se faz entre o Caderno da Professora, o Jaleco, os Postais de Viagem, o Pibid, o Giz e o Apagador, e o Caderno de Jaqueline. É hecceidade! E escrever essa cartografia é também uma forma de desterritorializar as pesquisas na área da educação em busca de reterritorializar outros movimentos, encontros vividos por professores, em toda parte. Hecceidades. Quando escrevo inspirada pelas cartas em um primeiro momento pode ser minha escrita, mas não sou só eu quem escreve, sou eu, o outro e tantos outros. A escrita é pulsante, é viva, não é estagnada em um passado remoto, dos tempos em que se escreveu. A escrita é hecceidade!

Desde quando aprendi a ler e escrever, nunca deixei de lado a escrita de cartas, de diário, de poemas, de histórias. Ler tudo isso agora, inspirada pelas cartas dos meus alunos me atualiza em um tempo que já não é passado, também não é o presente e nem futuro. É intensidade, é movimento no corpo! São hecceidades! Vividas nos encontros!

Falar de cartas à professora é falar dos alunos, da escola, da família, da formação da professora, e da potência dos inúmeros encontros. Já não é para mim que eles escrevem, já não é

para você que eu escrevo. É para mim, para você, para todos e muitos: encontros, poder de afectar e ser afectados, em rizoma, em multiplicidades.

O eu dissolvido abre-se a uma série de papéis, porque eleva a uma intensidade que já compreende a diferença em si, o desigual em si, e que penetra todas as outras através dos e nos corpos múltiplos. Há sempre um outro sopro no meu, um outro pensamento no meu, outra posse no que possuo, mil coisas e mil seres implicados nas minhas complicações: todo verdadeiro pensamento é uma agressão (ZOURABICHVILI, 2016, p, 151)

A professora aqui é um bando de professores, os alunos que escrevem são um coletivo, quem lê faz parte também de uma multidão. É nessa multiplicidade que se dão as forças, que se revelam os devires, que se fazem linhas de fuga capazes de perfurar outros caminhos, de se fazer (des)caminhos, desterritorializar, reterritorializar o tempo todo e não se satisfazerem porque a vida é mesmo assim, infinitos encontros em movimento contínuo.

Eu sou trezentos...
Mário de Andrade¹⁴
(7-VI-1929)

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,

¹⁴ ANDRADE, Mário de. Poesias Completas. São Paulo: Martins Editora, p. 221, 1995.

Ôh espelhos, ôh! Pireneus! ôh caiçaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!
Abraço no meu leito as melhores palavras,

E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios
beijos!
Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.

Aqui me encontro com a amizade, devir-professor é também um devir-amigo, é fazer e promover novas amizades, afinal, elas são provenientes de bons-encontros, aqueles que aumentam a potência do agir. É encontrar um corpo que combina com o nosso, que percebe, afeta e é afetado, assim ressoam pelo mundo.

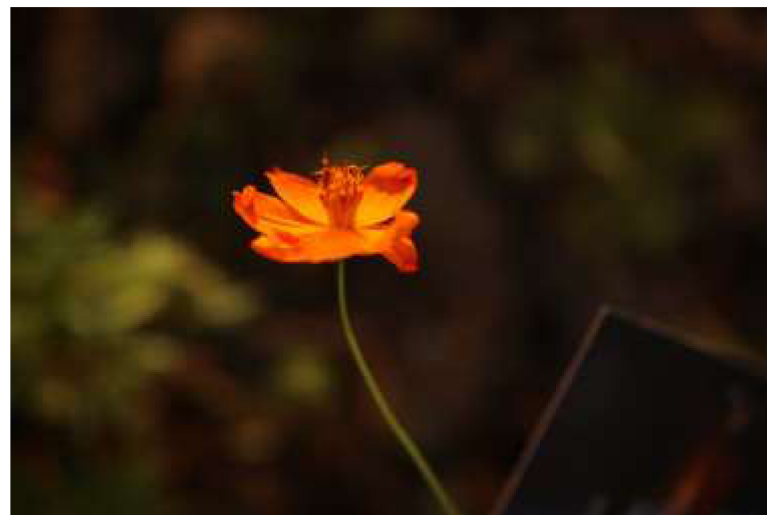
Em todo esse percurso não posso deixar de escrever sobre a amizade, pois em todos os momentos ela se fez presente, originada dos bons-encontros que a vida e que o devir-professora me proporciona. Pensar a docência pela amizade é pensar menos nas relações institucionalizadas, nas

regras socializadas pela escola, é ‘parar, olhar e escutar’, e mais com as formas de vida em experimentação, em devir-permanente.

Viver a amizade em percurso, não só no devir-professora, mas no devir-gente, foi e é essencial, pois os amigos tem o potencial de diminuir as tristezas e aumentar as alegrias, através dos bons-encontros. “A amizade é um lado de fora e não depende da essência de um ou outro, mas da relação, que sempre é uma exterioridade capaz de modificar a ambos. Pois não é que a diferença e não o consenso tornou-se uma forma de amizade!” (SILVA, 2016, p. 63).

Com a licença de Carlos Skliar: “Na escrita e na leitura não há outra razão senão o amor e o desamor pelas palavras, a paixão e o desassossego pelas palavras, a atração e a repulsa pelas palavras (2016, p.13)”. Atrevo-me a parafrasear suas palavras dizendo ainda: Devir-professor se faz no atravessamento entre os encontros de amor e desamor, paixão e desassossego, atração e repulsa na pulsação de vida.

Devir-professora, tornar-se professora, não é um acaso, sina ou destino fixo e determinado. É não se contentar com o que está posto, com aquilo que se é, mas buscar ser mais em eterno percurso. O eu, o outro e tantos outros, devir.



A cartografia de um tornar-se professora não se acaba aqui. Aqui se fazem novas linhas, em rizoma, se propagam para outros meios, sem começo e sem fim como o tempo, como as hecceidades, como o devir. Desejo com mais esses encontros, encontros cartógrafa, professora, pesquisadora, leitores, professores outros, alunos, outros corpos, provocar um desassossego, inspirar outras cartografias, abrir o olhar às multiplicidades e ao que escapa de uma formação que na verdade não se completa e não se esgota em si mesma.

Em uma apresentação no IV Erebio da Regional 4 em que eu falava sobre meu trabalho em uma roda de conversa, um professor me perguntou como era o movimento com os objetos-dispositivos e o meu

corpo, como eles me marcavam e estavam em meu corpo durante a escrita. Na hora falei que não fazia uma composição dos objetos-dispositivos e meu corpo, como em uma cena, ou em uma peça, mas que ao escrever as narrativas vivia e sentia a intensidade do acontecimento que cada objeto provocava em meu corpo, pelas resistências que cada um demonstrava em minha escrita, pela violência que os afetos me ultrapassavam, pelo desejo de (des)caminhar a cada começo. Em resposta, o professor reafirmou que esse era então o movimento estabelecido entre os corpos, assim os objetos-dispositivos compunham marcas e se entranhavam em mim.

Cartografar o meu (des)caminho foi importante, necessário, por vezes triste, ora alegre, um tanto alucinante, mas real, intenso e sentindo com e no corpo. Desejo abrir aqui portas e janelas pra que o vento entre e areje os pensamentos sem esperança, desmotivados, e despercebidos aos encontros e desencontros de um devir-professora e dessa forma incentivar outras composições em linhas de percurso, linhas que se encontrem, ao longo de um viver intensidades professores.

Referências

- AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de; MARANDINO, Martha. *As exposições de museus de ciências inventam culturalmente outros mundos naturais?* IX Congresso Internacional sobre Investigación em Didáctica de las Ciencias. Girona, Espanha, 9-12 de septiembre, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.394/1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. In *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*. Ano 5, nº 8, 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/5298>> Acesso em: Dezembro de 2017.
- CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. Mesa Redonda: “Currículo, diferenças e identidades”. In: *IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares e VIII Colóquio sobre Questões Curriculares*. Florianópolis/SC, UFSC, 02 setembro, 2008a.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Por que somos tão tristes?* Palestra realizada por na UNIFEBE, Brusque, SC, 22 de Julho de 2008b. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/267784814_Por_que_somos_tao_tristes> Acesso em: Setembro de 2017.
- CORAZZA, Sandra Mara. Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.12, p. 7-10, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. São Paulo: Ed.34, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed.34, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de A a Z de Gilles Deleuze. Entrevista com G.Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, VHS,

459min, 1997. Transcrição integral do vídeo- USP. Disponível em:

<<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: Janeiro de 2016.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Ed. Vega – Passagens. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa, 1996. Disponível em: <

http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo> Acesso em: Fevereiro de 2018.

DELEUZE, Gilles. Spinoza. Cours Vincennes : Intégralité du cours. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. 1978. Disponível em:

<<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4, 2 edição, São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. *Mil Platôs*. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed.34 Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. O que é a filosofia. Vol.1. São Paulo: Editora 34 Letras, 1992.

ESPINOSA, Benedictus de. Ética. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FELDENS, Dinamara Santana; SANTANA, Anthony Fabio Torres. Movimentos na docência: subjetividades e encontros inusitados. Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.2, 2011.

FERNANDES, Rosana Aparecida. *Passeios esquizos: cinema, filosofia e educação*. Maceió: EDUFAL, 2013.

FERNANDES, Priscila; VIANA, Gabriel e SCARELI, Giovana. O espaço sempre inacabado do tornar-se professor: a construção do meio. *Educação em foco*, Juíz de Fora, v. 21, n.1, p.215-236, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Disponível em: <<http://petletras.paginas.ufsc.br/files/2017/03/foucault-microfisica-do-poder.pdf>> Acesso em: Setembro, 2017.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. *In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos*. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

BERGSON, Henri. Matéria memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes. 1996.
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Educação, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.
- INGOLD, Tim. *Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano*. Tradução de Ligia Maria Venturini et al. Revista Ponto Urbe Ano 2, Versão 3.0, 2008.
- LEÃO, Andreza Marques de Castro. A influência do iluminismo nas políticas educacionais atuais: em pauta a cidadania. Belo Horizonte, Diversa, ano I - n° 2, p. 69-84. 2008. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/parnaiba/arquivos/files/rd-ed2ano1_artigo04_Andreza_Leao.PDF> Acesso em: Fevereiro de 2018.
- LOPES, Maria João. Exmo Sr. Vandelli, importa-se de nos dizer quem é? Revista Publica, 2008. Disponível em <<https://www.publico.pt/2008/01/08/jornal/exmo-sr-vandelli-importase-de-nos-dizer-quem-e-244233>> Acesso em: Fevereiro de 2018.
- MOLL, J. Pensar o processo de pesquisa hoje. *In: Grifos: revista de divulgação científica e cultural*, Chapecó, n. 2, p. 9-16, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- OLIVEIRA, Valeska Fontes de. Professor Universitário: saberes acadêmicos e demandas profissionais. In: MOROSINI, Marília Costa et al. (Org.) *Enciclopédia de pedagogia universitária*. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.
- ORLANDI, Luiz B.L. Um gosto pelos encontros. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://deleuze.tausendplateaus.de/wp-content/uploads/2014/10/Um-gosto-pelos-encontros-Artigo-de-Luiz-Orlandi1.pdf>> Acesso em: Março de 2017.

PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego. Edição de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, Luciane de Assunção; CHAVES, Sílvia Nogueira. Confissões de um jaleco: metamorfoses e resistências! In: CHAVES, Sílvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de.(Org.) *Focar, Formação, Ciência e arte (Autobiografia, arte e ciência na docência)*. São Paulo: editora Livraria da Física, p. 204-225. 2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2 edição. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

ROLNIK, Suely. *Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura*. Núcleo de Estudos da Subjetividade – PUCSP; 1997. Disponível em:<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>> Acesso em: Fevereiro de 2018.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir- Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v.1, n.2, p.241-251. São Paulo, 1993.

SANTOS, Ademar Ferreira dos. Uma ponte para muito longe. In: ALVES, Rubens. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: editora Papyrus, 10^aed., 2007.

SILVA, Renata Ferreira da. Mimagens da docência: escuta do corpo. 2016. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2017.

SKLIAR, Carlos. Escrevendo e lendo sobre a identidade, a diferença e a solidão. *Leitura: Teoria & Prática*, v.34, n.66, p.13-29. Campinas. 2016.

VANDELLI, Domenico. *O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora 2008.

VAZ, Tamiris. *Aprendizagens em Devir na cidade: visualidades, excessos e narrativas cotidianas*. 2017. 207 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

VAZ, Tamiris. *Docência em deriva: atravessamentos de um 'devir-professor'*. In: Seminário de pesquisa em Educação da região Sul, IX, 2012, Caxias do Sul. Anais IX ANPED SUL 2012. Disponível em: < <http://www.portalanpedsul.com.br/2012/home.php?link=apresentacao> > Acesso em: Abril de 2017.

VAZ, Tamiris. *Encontros e esperas de uma professora em percurso*. 2013. 90f. Dissertação de Mestrado- Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria- RS, 2013.

VILELA, Eugénia. *Corpos inabitáveis. Errância, Filosofia e Memória. Enrahonar*, v.31, p.35-52. 2000.

WOSNIAK, Fábio. *Corpo-encontro-acontecimento-conhecimento ou somente um ensaio sobre o corpo. Com[por]*, v.1. Santa Catarina. 2016/2017.

ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo. Editora 34, 1ª edição. 2016.